



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Representações sociais de Violência Sexual contra a Mulher: a voz das silenciadas.

Gustavo Cerchi Soares Ferreira

Brasília, DF

2020

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Representações sociais de Violência Sexual contra a Mulher: a voz das silenciadas.

Gustavo Cerchi Soares Ferreira

Brasília, DF

2020

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Representações sociais de Violência Sexual contra a Mulher: a voz das silenciadas.

Gustavo Cerchi Soares Ferreira

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Galinkin

Brasília, DF

2020

Representações sociais de Violência Sexual contra a Mulher: a voz das silenciadas.

Dissertação defendida diante da banca examinadora constituída por:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Galinkin

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

---

Prof. PhD. Alexander Hochdorn

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luiza Mônica de Assis da Silva

Universidade Católica de Brasília – Programa de Comunicação Social

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Rabelo Neiva (Suplente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

## **Agradecimentos**

Essa dissertação só existe porque minha vida foi marcada de mulheres extraordinárias. Mulheres que desistiram de tudo para ser pros outros, que lutaram para que outras pessoas pudessem ser o que não puderam, que aguentaram caladas uma realidade porque não conseguiram mudar a tempo e viver como mereciam. Mulheres que viram no futuro uma possibilidade de vencer.

Agradeço a todas as mulheres por nunca desistirem, mesmo nascendo em uma sociedade que as condena desde o nascimento pelo simples fato de que nasceram, e ainda cobra que lutem duas vezes mais por direitos que deveriam ser de todos.

A Maria Helena, minha mãe, que me ensinou a crer em todos os momentos, e que acreditou em mim até quando eu não acreditava e que, mesmo sendo privada de seus sonhos me ensinou o valor de sonhar os meus.

A minha família, meu pai e meu irmão por terem ajudado a moldar a pessoa que me tornei, e que investiram em mim para que eu pudesse chegar aqui.

A Ana Lúcia, por me ensinar que existem muitos caminhos para tudo, por me orientar, guiar, ensinar e por me fazer sempre sentir em casa, mesmo estando longe da minha.

A todas as mulheres que fizeram parte da minha vida, minhas amigas de infância que nunca desistiram de mim, e as que vieram depois e me acolheram em suas vidas, me apresentando cada uma, uma história de vida singular e única. Um agradecimento especial a Débora que não somente me ajudou emocionalmente, mas estando sempre presente e me ajudando a escrever além de me dar várias oportunidades para ser autor.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa concedida.

Gostaria também de deixar registrado meu imenso agradecimento a todas as participantes que tornaram esta pesquisa possível. A todas estas mulheres que se abriram e foram corajosas de falar sobre um tema muito difícil para muitas. Que se permitiram compartilhar eventos que influenciaram ou não suas vidas, e por acreditarem que há uma possibilidade.

Obrigado

“Na Política as mulheres escrevem os manifestos, lambem os selos,  
distribuem os panfletos e angariam votos, os homens são eleitos”

Ann Clare Boothe Luce

<b>Sumário</b>	
<b>Resumo</b> .....	<b>2</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>3</b>
<b>Introdução</b> .....	Erro! Indicador não definido.
<b>Representações Sociais de Violência Sexual contra Mulheres Brasileiras</b> .....	<b>5</b>
<b>A Mulher e a Propriedade</b> .....	<b>17</b>
<b>Violência e suas faces</b> .....	<b>23</b>
<b>Violência e Gênero: a imposição cultural da submissão</b> .....	<b>28</b>
<b>Objetivo:</b> .....	37
<b>Método:</b> .....	<b>37</b>
<b>Participantes:</b> .....	37
<b>Instrumento:</b> .....	41
<b>Procedimentos:</b> .....	42
<b>Análise de Dados:</b> .....	43
<b>Resultados</b> .....	<b>46</b>
<b>Análise de Frequência segundo OpenEvoC:</b> .....	46
<b>Análise de Corpus Textual segundo IRaMuTeQ:</b> .....	50
<b>Causas da Violência Sexual contra Mulher</b> .....	50
<b>Possibilidades mediante a Violência Sexual contra Mulher</b> .....	53
<b>Causas da Violência contra Mulher</b> .....	56
<b>Possibilidades mediante a Violência contra Mulher</b> .....	59
<b>Causas da Violência Doméstica</b> .....	61
<b>Possibilidades mediante a Violência Doméstica</b> .....	63
<b>Análise de Conteúdo segundo a proposta de Bardin</b> .....	66
<b>Causas de Violência sexual contra a Mulher</b> .....	66
<b>Possibilidades diante da Violência Sexual Contra Mulher</b> .....	67
<b>Causas da Violência contra a Mulher</b> .....	68
<b>Possibilidades diante da Violência contra a Mulher:</b> .....	69
<b>Causas da Violência Doméstica</b> .....	70
<b>Possibilidades diante da Violência Doméstica</b> .....	71
<b>Discussão</b> .....	<b>72</b>
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>76</b>
<b>Referencias:</b> .....	<b>79</b>



## Resumo

A presente pesquisa teve por objetivo investigar junto a um grupo de 30 mulheres de diversas regiões da cidade de Brasília-DF quais eram suas representações sociais acerca dos termos Violência sexual contra a mulher, Violência Contra a Mulher e violência doméstica. Embora já tenham sido investigadas, as representações sociais de violência sexual contra a mulher se encontram focadas mais nas consequências fisiológicas das lesões sofridas pelas mulheres ou na versão dos homens acerca da violência cometida, deixando de lado a mulher na hora de investigar suas representações da violência sofrida por elas. Foram aplicados então 30 questionários abertos que versavam sobre os temas apontados, suas causas e possibilidades de solução ou piora de cada uma das situações. Os questionários foram aplicados na Rodoviária do Plano piloto devido à grande circulação de pessoas pelo espaço diariamente e as mulheres foram abordadas de maneira aleatória. As participantes foram abordadas e, explicada a pesquisa, as mulheres que se dispusessem a dedicar seu tempo a pesquisa decidiam se participariam ou não da pesquisa. Os resultados obtidos foram analisados de três formas, segundo a proposta dos softwares OpenEvoc e IRaMuTeQ, a terceira análise se deu segundo a proposta estabelecida pela Bardin de análise de conteúdo. As representações sociais, nos três casos, convergiram para a percepção de o homem e o machismo como grande influenciador das formas de violência assim como a bebida apareceu como gatilho para estas situações. Outros resultados obtidos versaram sobre as mulheres acreditarem que uma melhora na aplicação das leis e a independência financeira como formas de melhorar a situação por elas enfrentada.

Palavras-Chave: Violência Sexual contra a mulher; Violência contra mulher; violência doméstica; Violência; Representações Sociais.

### **Abstract**

The present research aimed to investigate with a group of 30 women from different regions of the city of Brasília-DF what were their social representations about the terms Sexual violence against women, Violence Against Women and domestic violence. Although they have already been investigated, social representations of sexual violence against women are more focused on the physiological consequences of injuries suffered by women or on the men's version of the violence committed, leaving aside women when it comes to investigating their representations of violence. suffered by them. Then, 30 open questionnaires were applied, dealing with the topics mentioned, their causes and possibilities of solution or worsening of each situation. The questionnaires were applied at Rodoviária do Plano piloto due to the large circulation of people through the space daily and the women were approached at random. The participants were approached and, once the research was explained, women who were willing to dedicate their time to the research decided whether or not to participate in the research. The results obtained were analyzed in three ways, according to the proposal of the software OpenEvoc and IRaMuTeQ, the third analysis took place according to the proposal established by Bardin of content analysis. Social representations, in the three cases, converged to the perception of man and machismo as a great influencer of forms of violence as well as drinking appeared as a trigger for these situations. Other results obtained focused on women believing that an improvement in the application of laws and financial independence as ways to improve the situation they face.

Key words: Sexual violence against women; Violence against women; domestic violence; Violence; Social Representations.

## **Introdução**

Quando falamos em violência sexual contra a mulher apontamos para um problema sempre recorrente em todas as nações do mundo. A questão em pauta parte do fato de que diariamente mulheres são vítimas de diversas formas de violência, e, embora numericamente existam muitas denúncias (que giram em torno das centenas de milhares) ainda se cogita uma subnotificação (Kind, Orsini, Nepomuceno, Gonçalves, Souza e Ferreira, 2013).

Não obstante, temos ainda uma literatura focada principalmente em noticiar quais os traumas físicos sofridos por mulheres do que garantir um espaço para que estas mulheres informem questões relacionadas à violência por elas sofrida (Silva, Gomes, Fonseca, Gomes e Arejano, 2018). Outro ponto de destaque refere-se ao fato de a literatura mais comumente abordar o ponto de vista do homem sobre a violência do que devidamente investigar juntamente às mulheres vítimas de violência sobre quaisquer elementos da violência.

Considerando-se então estes fatores, propomos aqui um texto que visa, em um primeiro momento, investigar os aspectos legais relacionados à violência contra a mulher, seguidos, então, de um levantamento de publicações que enfocam a violência contra a mulher e suas representações acerca desta violência. Também enfocar-se-á na violência de gênero, evocando-se números relativos a violência, assim como os principais grupos vítimas de violência na sociedade atual.

A pesquisa aqui realizada então enfocou nas investigações de representações sociais de mulheres sobre a violência sexual contra a mulher, investigando, paralelamente, questões referentes a crenças gerais sobre violência contra a mulher, assim como questões relacionadas a violência doméstica, em especial se identificam que essa se diferencia da violência contra a mulher, uma vez que são apresentadas como sinônimos na literatura.

## **Representações Sociais de Violência Sexual contra Mulheres Brasileiras.**

Quando falamos sobre o significado de ser mulher nos dias de hoje, trazemos, em acordo com isso, uma série de discriminações e violências associadas a este fato, além de uma irrestrição etária que torna qualquer mulher passível de ser vítima de alguma forma de violência ao longo de sua vida (Erausquin & Withers, 2018; Barsted, Linhares & Pitanguy, 2018). A violência contra a mulher atinge quaisquer mulheres, independente de renda, ocupação, cor de pele, idade ou se pertence a um país desenvolvido ou não (Cordeiro, 2013), sendo que, uma das formas de violência a qual estas mulheres estão expostas é violência sexual. Ao longo deste texto dissertaremos sobre como estas mulheres significam estas violências que sofrem e como as expõem por meio de suas representações sociais.

As mulheres são vítimas de inúmeras formas de violência. Trabalharemos aqui com a questão específica da violência sexual enfrentada diariamente por diversas mulheres no país. A violência sexual é definida como qualquer ato ou tentativa de ato sexual, comentários, investidas ou quaisquer outras formas de assédio dado seu caráter não consensual, estas definições são aplicadas independentemente do local em que ocorrem assim como independem da relação existente entre assediador e assediada (World Health Organization, 2017).

Embora seja frequente, a violência sexual contra a mulher é, para as próprias mulheres, um elemento estranho, visto que ainda há muitas dúvidas acerca de o que é ou não violência contra a mulher (Hirigoyen, 2006). A Lei nº 11.340 de 2006 define a violência contra a mulher segundo cinco domínios, sendo estes: Físico, Patrimonial, Sexual, Moral e Psicológico. A mesma segue por especificar:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

(Lei nº 11.340, Brasil, 2006)

A lei aponta as formas como se reconhece a violência e, ao mesmo tempo, aponta a necessidade de um juiz interpretar a mesma e definir se a situação envolvia uma forma de violência ou não. Dessa forma as mulheres em sua maioria não definem suas ações ou como são vítimas segundo a legislação, elas o fazem de forma subjetiva, segundo suas vivências.

Assim, o objetivo que aqui visamos é identificar, por meio das representações sociais de mulheres quais são suas representações sociais de violência sexual, assim como, em segundo plano, identificar se encontram diferenças entre violência doméstica, e violência de gênero.

A teoria das representações sociais, formulada por S. Moscovici nos anos de 1960 é um desenvolvimento da corrente sociopsicológica ou pensamento social que se fundamenta na investigação dos processos cognitivos e construtos relacionados ao modo como as pessoas pensam no cotidiano (Flament & Rouquette, 2003; Guimelli, 1999). Logo, representação social é um construto oriundo do senso comum em conjunto com ideologias, atitudes, imagens sociais, etc (Jodelet, 1989).

O conceito de representação social surge a partir do conceito de "representação coletiva" de E. Durkheim tendo, segundo Moscovici, algumas distinções, posto que para Durkheim representações coletivas são formas estáveis de compreensão coletiva, enquanto Moscovici dedicava a compreender variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas (Alves-Mazzotti, 2008). Segundo Durkheim (1994) a forma como os indivíduos observam o mundo é compartilhada, e é por meio desse compartilhamento da realidade vivida e observada que a pessoa se posiciona na sociedade em que vive e se estabelece como membro de um grupo. Assim existiriam então duas formas de representação, as representações coletivas, de domínio da sociologia, e as representações individuais, de domínio da psicologia (Farr, 2009).

É a partir dessa distinção entre as formas de representação que Moscovici se pauta para a elaboração do conceito de representações sociais. Enquanto para Durkheim a estrutura das representações coletivas se pautava na rigidez e estabilidade, Moscovici postulava que as representações sociais seriam plásticas e dinâmicas devido ao seu caráter interacional (Vala, 2006).

Para Moscovici representações sociais são modos de conhecimento compartilhados por grupos que em concordância com um objeto representa um aspecto de dada sociedade (Jodelet, 1989). Em outras perspectivas de estudo representação social pode ser entendida, por exemplo, segundo Jodelet (1989) como um modo de compreensão social compartilhada entre os indivíduos com um objetivo prático proporcionando a determinado conjunto social a construção de uma realidade comum. Em contrapartida, Wagner (1998) afirma que o conceito se refere a conhecimento processual estruturado em dimensões cognitivas, avaliativas, afetivas e simbólicas a partir de um fenômeno social relevante que se constitui em imagens ou metáforas, sendo compartilhado entre os membros do grupo social. Por fim, na perspectiva de Doise (1985), as representações sociais são algo que impulsiona o sujeito a se posicionar diante de sua inserção em um conjunto de relações sociais, atuando como organizador dos processos simbólicos que intervêm em tais relações.

As representações surgem da necessidade de o indivíduo identificar-se com o mundo, e lidar com os elementos que este o oferece. Da tentativa de compreender o contexto que está inserido, bem como a interação com o outro por meio do compartilhamento de ideias, temos outro modo de compreensão da realidade. Além disto têm a finalidade de nos conduzir no modo de interpretar, julgar, nomear e definir os distintos aspectos que compõe a realidade do cotidiano. Logo, as representações sociais como instrumento de interpretação guiam a relação do indivíduo com o outro e com o mundo, regendo e organizando as condutas e as comunicações sociais. Além dos processos de apropriação do conhecimento, desenvolvimento e definição das identidades pessoais e coletivas (Doise, 1985; Jodelet, 1989; Ferreira, 2010).

Assim, a forma como compreendemos a sociedade em que vivemos se dá pelo compartilhamento de uma cultura, de conhecimentos, de relações entre indivíduos (Durkheim, 1994). A partir deste compartilhamento, nossa cognição representa qualquer objeto mentalmente para que então possamos compreendê-lo. Dessa forma, o objeto social pode ser

qualquer coisa, uma interação ou um objeto socialmente utilizado, desde que seja feita e compreendida sua função e esta seja compartilhada por mais de uma pessoa (Oliveira, 2012).

Mas o que é um Objeto Social?

Objetos sociais são então a forma como adicionamos um significado linguístico a um bem material, entretanto isso não quer meramente “dar nome as coisas”, mas sim atribuir uma série de convenções e significados a um dado objeto para que ele represente, em um determinado tempo, uma determinada função à um grupo, o qual compartilha os mesmos significados para aquele objeto (Moscovici, 2004; Abric, 1987).

Para Moscovici (2004) as representações surgem a partir da análise do processo pelo qual os sujeitos, permeados por sua realidade social, compreendem e compartilham entre si objetos sociais. É por meio dessa interação e compartilhamento que os grupos se configuram enquanto grupos. A forma como se comunicam e compreendem os mesmos objetos sociais da mesma forma, faz com que se estabeleça uma coesão entre seus membros, organizando assim seus comportamentos. Assim, compreendendo a forma como estes grupos definem seus objetos e interpretam a sua realidade, estabelece-se então uma cientifização do senso comum (Sá, 1996).

Para que, de fato, tenhamos uma representação social, é necessário que ela cumpra três requisitos: ser compartilhado por um dado grupo de pessoas; ser estabelecida por meio da interação de sujeitos em um grupo; facilitar e organizar a coesão e a comunicação do grupo que compartilha daquela representação (Vala, 2006). Mais do que isto, as representações sociais seriam compostas também de dois componentes indissociáveis, um componente material e um componente estruturante, composta da significação imposta aquele objeto social, os quais se mantem por meio de dois fenômenos denominados Objetivação e Ancoragem (Moscovici, 2004).



O Processo de Objetivação se estabelece inicialmente a partir da observação do objeto, e transformação do físico em cognitivo, livrando-se do contexto em que o objeto se encontra. O objeto é então esquematizado, compreendido, e posteriormente é naturalizado, e, portanto, consegue ser expressado pelas pessoas daquele grupo (Carvalho, 2005; Vala, 2006). A partir dessa possibilidade de comunicação, em que o objeto passou a ser interiorizado pelos membros do grupo, ele passa a ser emitido conforme a linguagem daquele grupo, representando o senso comum na forma de explicação de um conceito (Moscovici, 2004; Vala, 2006).

A objetivação se compõe, então, por três etapas: A seleção e a descontextualização, segundo a qual os sujeitos com base em sua cultura, valores, crença e experiências, os sujeitos retiram alguma informação acerca do objeto social; A formação do Núcleo Figurativo, em que as pessoas transformam o conceito inicial em um modelo figurativo; E a Naturalização do Objeto, segundo a qual o objeto social recém elaborado passa a ser compreendido como um elemento real para si (Moscovici, 2005).

A Ancoragem por sua vez visa inserir o objeto identificado pelo processo da objetivação a um contexto. Ou seja, ela visa encaixar o objeto novo junto a outros objetos já familiares para o sujeito, a partir do momento em que se consegue dar um nome ao que antes não o tinha, conseguimos então representá-lo (Moscovici, 2004). Assim estrutura-se um conjunto de significado a um objeto e se configura uma rede de interações ao redor daquele objeto conectando-o ao meio social do qual ele foi identificado passando a ser um instrumento de interpretação e compreensão da realidade (Carvalho, 2005; Vala, 2006).

Assim como a objetivação, a ancoragem também perpassa por três etapas: A atribuição de sentido, em que o objeto é inserido em uma rede de significados que são hierarquizados e estruturados junto aos demais objetos anteriormente compreendidos; A Instrumentalização do Saber, a tradução da compreensão para a compreensão do mundo

social; e o Enraizamento do Sistema de Pensamento, segundo a qual o conhecimento adquirido se integra e transforma conceitos anteriormente elaborados acerca do mundo social (Bertoni e Galinkin, 2017; Moscovici, 2005).

As representações sociais não somente compõem um campo de conhecimento, elas estabelecem funções que regem o comportamento grupal e interações sociais (Abric, 2001). Inicialmente elas estabelecem a forma como o grupo identifica uma série de objetos assim como quais valores são compartilhados por aquele grupo. Além disso, as representações sociais estabelecem uma identidade grupal, que distingue um grupo de outros tantos, e também rege comportamentos e condutas, estabelecendo também o que é ou não permitido pelos membros de um grupo. Essas representações também justificam os comportamentos que já foram tomados pelos membros de seu grupo, elemento essencial na manutenção da coesão do grupo, e na perpetuação de estereótipos e preconceitos ali existentes (Abric, 2001).

Conhecer a forma como as representações sociais são constituídas é um procedimento importante para o conhecimento de qualquer campo de estudos, pois parte da compreensão de um esquema em sua forma comumente compartilhadas pelos membros de um grupo para uma compreensão mais complexa do elemento que se está sendo estudado (Sá, 1996). Dessa forma, as representações sociais funcionam de modo a agregar, difundir e assimilar conhecimentos novos, mas também oferece ferramentas para que grupos que possuem menor acesso a um conceito possam integrá-lo, oferecendo ferramentas para ações de resistência e mudança social (Cabecinhas, 2004).

A partir disso, somado com a noção de que as representações sociais são essencialmente construídas em grupo, abordamo-las como sendo ao mesmo tempo fixas na linguagem e funcionando como linguagem através de seu valor simbólico e da estrutura que elas fornecem para codificar e categorizar o ambiente dos indivíduos (Rateau, Moliner,

Guimelli & Abric, 2012). Dessa forma o discurso se apresenta como sendo elemento essencial na investigação e análise destas representações.

Embora as representações sejam consideradas como elementos compartilhados pelos grupos e reguladores da forma como estes se comunicam, as representações sociais variam entre grupos, motivo pelo qual é importante considerar-se o grupo que está sendo investigado e a forma como se investiga (Bertoni e Galinkin, 2017; Sá, 1996). Assim, segundo proposto por Abric (2001), embora estas representações variem entre si, elas convergem para um elemento comum, o qual é compreendido por diversos grupos da mesma maneira, sendo então o Núcleo Central daquela representação social.

Esse núcleo central ao redor do qual as representações se desenvolvem possui duas funções, sendo elas: a de função geradora dos significados, sendo a qual os elementos complementares ao núcleo adquirem significado para cada indivíduo; e uma função estrutural, pois é neste núcleo que os demais conceitos adquiridos posteriormente irão se ancorar para então ser significados (Rateau, Moliner, Guimelli & Abric, 2012; Abric, 2001). Ao redor deste núcleo central, o qual é considerado essencial e “abstrato” (no sentido de que expressam a normalidade e não a certitude), se estruturam outros elementos, mutáveis e concretos, os quais estruturam os Elementos Periféricos (Bertoni e Galinkin, 2017; Rateau, Moliner, Guimelli & Abric, 2012).

No âmbito da violência contra a mulher, as representações sociais já foram objeto de estudos, tendo apontado que seu núcleo central giraria em torno de elementos como a vergonha, impotência e o ciúme exercidos pelos respectivos companheiros em geral, visto que a maior parte das publicações que fizeram uso de tal método utilizaram como participantes mulheres que sofreram efetivamente alguma forma de violência conjugal (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012). Vale ressaltar que existem pesquisas que abordem a violência sexual contra a mulher, até mesmo com representações sociais, e que ainda há maior enfoque na violência

conjugal como forma de obtenção do significado desta violência, o que estimula que pesquisemos com a população geral acerca de o que acreditam ser essa violência, e quais as suas causas e consequências com quaisquer mulheres, vítimas ou não de violência de gênero.

Embora tenha sido realizado este tipo de estudo, é mais comum que encontremos publicações sobre o ponto de vista de profissionais da saúde acerca da violência contra a mulher do que das representações feitas pela própria mulher, tendo sido apontado como uma representação a preocupação voltada para a saúde da mulher, como a vulnerabilidade de aquisição de doenças sexualmente transmissíveis ou mesmo enquanto a gravidez indesejada, também é apontada a preocupação enquanto aos traumas físicos sofridos pelas vítimas (Silva, Gomes, Fonseca, Gomes e Arejano, 2018; Acosta, Gomes, Oliveira, Marques e Fonseca, 2018; Cruz, Espíndula e Trindade, 2017; Gomes, Silva, Oliveira, Acosta e Amarijo, 2015; Leal, Lopes e Gaspar, 2011; Cavalcanti, Gomes e Minayo, 2006). Ainda sobre os problemas nesse tipo de pesquisa, há mais evidências sobre voz ativa do homem na elaboração das representações sociais de violência contra mulher do que da própria mulher (existem mais artigos que falam das representações dos perpetradores da violência), apontando como representações na área a violência enquanto resposta pelo não cumprimento de atividades patriarcalmente definidas como femininas (cuidados com a casa, realização de tarefas domésticas, submissão sexual), a violência enquanto punição merecida, pedido, ou mesmo a violência justificada pela mulher servir como propriedade do marido/ parceiro e por este motivo não se poder ser questionada, o álcool aparece aqui como justificativa aceitável para a violência (Nóbrega, Pessoa, Nascimento e Miranda, 2019; Isaacs & Mthembu, 2018; Rodrigues, Machado, Santos, Santos e Diniz, 2016; van Niekerk, & Boonzaier, 2015).

No que diz respeito às representações sociais de violência contra a mulher, a própria literatura remete a inúmeras questões que são deixadas de lado por grande parte dela mesma. Em primeiro lugar aponta-se para a questão das formas de violência sofridas por estas

mulheres: agressões físicas, psicológicas e sociais (Costa, Lopes e Soares, 2014; Palhoni, Amaral & Penna, 2014; Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012;). Nesse primeiro aspecto, podemos perceber que as mulheres identificam o problema e o significam segundo a forma como são vítimas da violência. Enquanto agressão física as representações sociais dessas mulheres apontam para a agressão sofrida, são vítimas de socos, chutes, tapas, estupro, moléstia, agredidas e ameaçadas por objetos, e pelo atentado contra a própria vida (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012).

Em segundo lugar, temos os textos que apontam para as questões relacionadas à violência social sofrida por estas mulheres. Este grupo aponta como violência social elementos como: a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, o assédio sofrido na locomoção, a restrição imposta às vestimentas, em forma de “cantadas”, a limitação quanto realizar determinadas atividades por medo de punição da sociedade, além da exclusão de grupos (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012). Neste ponto é importante ressaltarmos que, até então o enfoque que é dado em sua maioria às pesquisas sobre violência contra a mulher se dispõem a apontar as situações em que a mulher se sente vulnerável ou sente-se vítima de violência, mas ainda lhe dá pouco espaço para falar da sua situação. Além disso, ao longo das pesquisas realizadas, pouco se encontra visando compreender se estas mulheres encontram alternativas mediante a situação de violência. Referimo-nos a alternativas aqui como possibilidades de atuação ativa em face de situações de violência.

Por último, temos a categoria violência Psicológica, a qual engloba a maior parte dos relatos de violência sofridos pelas mulheres. Segundo as mulheres entrevistadas pela literatura, suas representações sociais giram ao redor da sensação de abandono, falta de amor, tratamento diferenciado, descaso com a aparência, redução da imagem pessoal, ataques a estima própria, imaturidade, impaciência, intolerância, egoísmo, irresponsabilidade e

projeções irreais de papéis de gênero (Palhoni, Amaral & Penna, 2014; Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012).

Em contraponto a violência sofrida pela mulher, precisamos ressaltar que a violência entre pares também pode acometer os homens, tendo um estudo realizado na América do norte demonstrado que uma parcela da população masculina havia sido violentada física e sexualmente por mulheres com as quais se relacionavam. Como resultado destas e de outras pesquisas, encontrou-se que em muitos casos os homens não reconhecem as violências como formas de violência, ou se sentem reprimidos para queixar-se com outras pessoas. Neste caso, não foram encontrados estudos que relacionem representações sociais e violência sofrida por homens. Embora a literatura aborde este aspecto de maneira superficial (existem poucas publicações sobre o assunto), é importante ressaltar que os estudos na área são relevantes e devem ser investigados, não desmerecendo nenhuma forma de conhecimento (Cezário e Lourenço, 2013; Hohendorff, Habigzang e Koller 2012).

Até aqui, temos a exposição sobre o que se tem na literatura sobre representações sociais de violência contra a mulher. Embora tenhamos alguma literatura que verse sobre estas questões, temos ainda pouca representatividade feminina na produção destes significados. A mulher ainda aparece com características secundárias na própria significação das suas representações. Motivo este que levou a produção desta dissertação, dando mais uma vez voz a estas mulheres.

Além disso, ao se evocar estas representações sociais, percebemos que há uma grande confusão em que a Lei 11.340 (2006) estabelece que há diferenças entre violência contra a mulher, sendo esta a violência sofrida por uma mulher dada a característica de esta ser um indivíduo do sexo feminino; Violência de Gênero, em que gênero e sexo são tidos como sinônimos; e violência sexual como um constrangimento ou ameaça de conjunção carnal, ou ato libidinoso, sendo este relacionado a ambos, homens e mulheres (Lei, 12.015, 2009). Nesse

aspecto é então importante levar em conta que, embora tenhamos algumas representações sociais e tenhamos as Leis que estabelecem estas definições, nem sempre estas condizem também. Assim, o objetivo que aqui visamos é investigar com estas mulheres se estas compreendem estes conceitos e como significam cada um deles.

## **A Mulher e a Propriedade**

Pragmaticamente falando, as mulheres são deixadas de lado ao longo de uma grande parte da História. Quando nos focamos em observar a forma como somos ensinados acerca dos mais diversos tópicos é difícil se ouvir falar de uma mulher enquanto expoente em algum campo de atuação (Lerner, 1975).

Ao longo da história, o sexo feminino foi sistematicamente desconsiderado enquanto característica de um indivíduo. Havia o homem, e havia o erro, a má formação, o indivíduo que não havia detido de calor suficiente e, portanto, se tornara defeitivo, a mulher (Laqueur, 2001). A mulher fora, por incontáveis séculos, considerada enquanto uma característica sub-humana, como animais ou escravos, sendo desconsiderada sua vontade, assim como o seu papel em um grupo (Aleixo, 2005, conforme citado por Galinkin, Santos e Zauli Fellows, 2010; Lerner, 1975).

Por muito tempo, então, replicou-se o conhecimento de que mulheres seriam biologicamente inferiores, com capacidades limitadas (dentre outras características) aos homens (Galinkin, Santos e Zauli Fellows, 2010; Tocqueville, 2010). Às mulheres era restringida a vida ao trabalho laboral e suas “obrigações” com o lar, sendo estas regidas pela religião (Tocqueville, 2010). Nesse sentido, a mulher fora considerada por anos como a protetora da moral e dos bons costumes e submetida a valores externos, sendo um sujeito aculturado estando imerso em uma cultura, de modo que o controle exercido pelo patriarcado fosse mais facilmente controlado (Tocqueville, 2010; Lerner, 1975).

Assim, posicionando a mulher neste local de protetora da moral, se tinha a mulher como cuidadora essencial da família, e suas obrigações políticas e sociais viriam após suas obrigações morais com o lar e os membros que ali conviviam, o que exercia enorme controle visto que era bastante improvável que a mulher pudesse arcar com a vida política e familiar. Assim, embora as mulheres pudessem fazer parte de uma elite social, ainda era impossível



que exercessem qualquer papel fora do contexto doméstico (Tocqueville, 2010; Stearns, 2000; Lerner, 1975).

A partir dessa noção da mulher enquanto ser reprodutor e de cuidados, a qual perdurou desde as sociedades nômades, as sociedades passaram a ser comandadas politicamente por homens, e, em consequência disso, os homens se estabeleceram enquanto dominantes, e socialmente dominantes. É desse domínio do Homem, nesse caso homem definido como indivíduo do sexo masculino, que se passa a ter interesse do homem em regular a sexualidade feminina (Stearns, 2000; Foucault, 1978).

Na tentativa de se controlar a sociedade, o Homem ascende então como figura dotada de poder, e, sendo mais fácil se exercer controle estando em um grupo menor, o homem passa a exercer o poder sobre a mulher por meio da patologização do feminino. Então, por meio da diminuição do poder social da mulher, da reclusão ao lar, dos cuidados com a família, e agora com a definição do sexo enquanto definidor de um indivíduo biologicamente inferior, o Homem passa a vigorar como superior e controlador da realidade dos inferiores. Nesse sentido a mulher acaba por ser reduzida a condição de propriedade do homem, e esta concepção permaneceu ativa por muitos anos (Engels, 2010; Foucault, 1978).

Somente anos mais tarde, com o advento do Iluminismo - voltado para a investigação e comprovação via método científico -, que os olhares se voltam novamente ao ser humano e a condição biológica de homens e mulheres, e então passa-se a distinguir dois sexos, e não um sexo composto de um sujeito ideal e uma variação defeituosa (Laqueur, 1990). Embora aqui tenha se feito a distinção entre homem e mulher, esta segunda ainda continuava por ser histerizada e caracterizada como inferior mediante o Homem (Foucault, 1978).

Dessa distinção entre homens e mulheres e da necessidade de a mulher ser reconhecida como igual aos homens, surge o movimento feminista, e, com ele, os investimentos em estudo de gênero. É com esse movimento que se inicia os estudos das

correntes de influência entre sexo e organização social e como estes se influenciam mutua e negativamente (Galinkin e Ismael, 2011; Kerber, 1988).

A partir da percepção das mulheres de que sua vida regredia mediante o casamento, em que a mulher passava de relativamente independente, com a ilusão de escolha mediante a opção de com quem iriam se casar, houve uma necessidade de imposição por parte dessas mulheres a uma tentativa de exceder a esfera do lar para ocupar outros lugares (Kerber, 1988). Essas tentativas de ocupação de outros locais foi bastante frustrada ao longo das eras, e tratada como uma tentativa de manchar imagens e sociedades por parte das mulheres, visto que estas eram consideradas incapazes de ocupar qualquer ambiente que não fosse o do lar, no qual ainda deviam subserviência ao homem (Tocqueville, 2010; Kerber, 1988).

É somente com a revolução industrial que a mulher passa a ser reconhecida como sujeito fora da esfera doméstica. Com o surgimento da indústria, as mulheres deixaram de ser sujeitos do lar para ser força de trabalho, e, conseqüentemente, competir no mercado com os homens. Nesse aspecto, as mulheres eram restritas a atividades braçais, visto que seu intelecto ainda era considerado inferior, e, mediante a lei, ela ainda não era reconhecida enquanto trabalhador, capaz ou como cidadã, não detinha direito ao voto, e não exercia papel político (Stearns, 2000; Kerber, 1988; Lerner, 1975).

A partir do momento que as mulheres se identificaram enquanto força de trabalho, passaram a receber pequenos salários e viram, com o aumento do custo de vida e conseqüente diminuição das famílias, que estavam exercendo a mesma função dos homens, mas ainda sendo consideradas como inferiores aos homens (Kerber, 1988; Lerner, 1975). É a partir desta percepção que, na Europa, começam a surgir os primeiros movimentos feministas (Bento, 2006; Oliveira, 1993).

Os movimentos feministas surgem, então, na primeira de suas três etapas. A etapa inicial, de gênese do feminismo, surgida neste contexto de revolução industrial, recebe o

nome de feminismo universal. Esta primeira onda do feminismo surge reivindicando os direitos das mulheres enquanto cidadãs daquelas sociedades. É nesse momento que as mulheres passam a reivindicar o direito ao voto, a remuneração pelo trabalho (o qual era, até então, pago mediante a presença do responsável, sendo este um marido ou pai), o direito ao voto, a propriedade e a herança (Nogueira, 2001; Alves e Pitanguy, 1991).

Num segundo momento, foi percebido que não havia um sujeito mulher, mas vários, com outras características, e a categoria mulher não era mais suficiente para compreender o sujeito. Nesse momento há um distanciamento da mulher dos estudos sobre o feminino, a mulher passa a ser vista como um sujeito por si só (Galinkin, Santos e Zauli-Fellows, 2010).

Ainda nesta etapa, o feminismo passa a operar segundo a percepção de que há um “eterno feminino”, segundo o qual a opressão da mulher se dá pela manutenção da ignorância. A mulher era vista como inferior e incapaz, como consequência disso era afastada de meios de cultura, educação, religião, etc. mantendo-se assim uma mulher intelectualmente controlável, visto que não detinha dos meios para justificar seus posicionamentos. É nesse momento que a mulher passa a reivindicar a sua situação de ignorância (Alves e Pitanguy, 1991).

O feminismo passa, então, para a sua terceira onda, conhecida como pós-moderna. Neste aspecto, as mulheres passam a questionar o binarismo de gênero e a necessidade de se estabelecer uma diferenciação social baseada em diferenças biológicas, uma vez que gênero e papéis sociais passaram a ser identificados como socialmente construídos. Nesta etapa, a mulher não identifica mais que há uma diferença entre os sujeitos baseada em sexo, a educação já é essencialmente distribuída de maneira semelhante a ambos os sexos e portanto, não se faz mais necessária a diferenciação dos papéis. Entretanto, estes ainda existem e a mulher ainda precisa lutar pelos mesmos direitos de todas as etapas anteriores (Galinkin e Ismael, 2011; Galinkin, Santos e Zauli-Fellows, 2010; Alves e Pitanguy, 1991).

Embora sejam identificadas as três etapas do feminismo, ainda não é possível dizer que o feminismo superou todas as etapas, que todas as mulheres se encontram em iguais posições aos homens, e que os direitos adquiridos em etapas anteriores permaneceram até hoje. A luta feminista garantiu direitos as mulheres, mas também os perdeu ao longo da história. Ao final da revolução industrial, mulheres que haviam conseguido salários e o direito ao voto, acabaram por ser novamente substituídas por homens no mercado de trabalho (Alves e Pitanguy, 1991; Kerber, 1988).

Embora possamos salientar que inúmeras mulheres conseguiram alcançar os objetivos propostos pela corrente feminista, muitas delas ainda se encontram funcionando segundo a esfera familiar, em que a mulher se restringe ao contexto doméstico, limitada ao cuidado com os filhos e da casa, subordinadas a um trabalho braçal. E em meio a essa continuação do patriarcado nos moldes de uma pré-revolução industrial, a mulher acaba por ocupar uma posição vulnerável em que não consegue se desprender dos valores antiquados e acaba por reforçá-los de modo a justificar sua posição (Bordieau, 2010; Nogueira, 2001).

Por meio dessa reprodução dos valores, a sociedade acaba por exercer uma diferenciação dos espaços que são ocupados por homens e mulheres, o que ocasiona a valorização de alguns papéis e desvalorização de outros. Ao se estruturar dessa forma, a sociedade exerce uma forma de violência simbólica em que a mulher, vítima da repressão social, se encontra dominada e incapaz de se libertar dessa situação de dominação (Bordieau, 2010).

Dessa forma, a mulher acaba por justificar a situação em que se encontra e legitima o poder nela exercido pela não capacidade de desvincular-se do patriarcado em que está incluída. Desse círculo vicioso a mulher acaba por se ver refém de uma situação da qual não consegue encontrar alternativas, e se insere em uma sociedade que não oferece meios para que ela se liberte. Dessa forma, a mulher reitera os valores que lhe foram impostos historicamente

por meio da opressão e luta para que não se repitam ao mesmo tempo, se expondo a diversas situações de violência (Bordieau, 2010; Lerner, 1975).

A partir disso, podemos observar que a mulher se torna vítima de diversas formas de opressão, sendo uma delas a violência que a coloca em total situação de submissão forçada fisicamente pelo opressor. Trabalharemos com esta forma de violência no capítulo que se segue.

## **Violência e suas faces**

Diversas são as formas de violência às quais estamos expostos diariamente. Tiroteios, brigas com os punhos, assassinato, coerção sexual, estupro, abuso doméstico, pichações e sanções econômicas são todas formas de violência que podem ser direcionadas a um ou mais indivíduos (Aronson, Wilson & Akert, 2015; Chenoweth & Lawrence, 2010). A violência não somente afeta os indivíduos diretamente envolvidos, mas são responsáveis por afetar a uma população geral. Os custos envolvidos com os cuidados com a violência influenciam o valor de bens de consumo, assim como valores imobiliários, além de fazer necessário o redirecionamento de recursos Estatais para o combate a mesma (Cerqueira, 2014).

Ao longo dos anos, a violência foi deixada de lado como objeto de estudo, se enfocando em suas consequências o como ela era influenciada, se focando na violência como uma herança de uma sociedade ainda em existência (Bandeira, 2017). A violência passou então a se estruturar como uma violência Modernista, segundo a qual a vítima passa a ser o objeto da violência, e não o ato propriamente dito, ela não é necessariamente feita por uma pessoa para atingir a outra, mas as pessoas são vítimas de um contexto político e social que se resume na violência (Corradi, 2009).

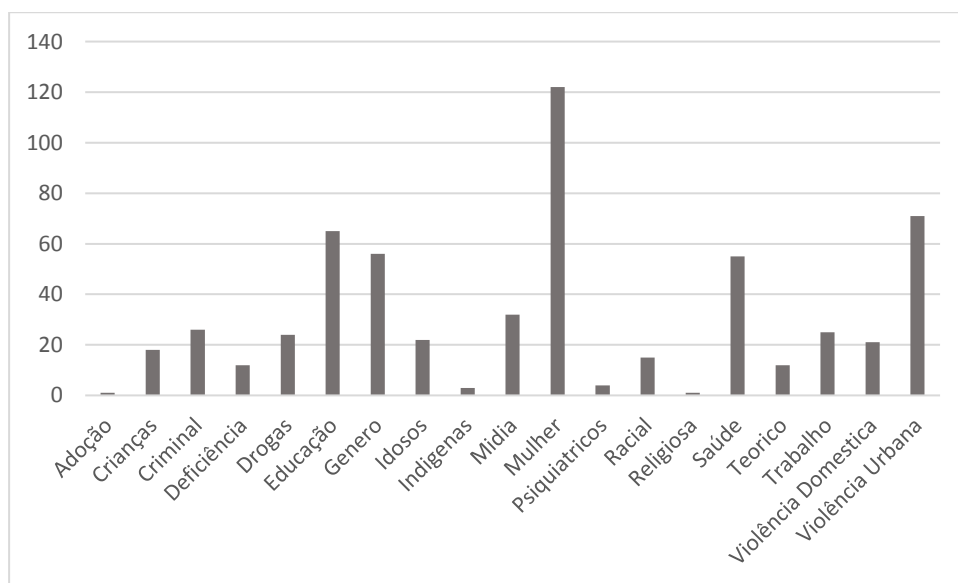
Essas formas de violência possuem como característica a intencionalidade e direção a um ou mais indivíduos com o intuito de causar algum dano físico, psicológico ou material a um indivíduo (Aronson, Wilson & Akert, 2015; Michaud, 1989). Entretanto algumas formas de violência se caracterizam por relações de Poder, em que um indivíduo se utiliza de uma posição social, ou de um determinado recurso, para causar algum dano a um determinado sujeito (Bandeira, 2017; Arendt, 1994).

Dentre as formas de violência, classificadas como modernistas segundo Corradi (2009), se destacam a violência contra grupos minoritários, grupos os quais se permitem

moldar segundo a violência instrumental, e, portanto, se tem um “aval” social para que esta forma de violência ocorra. Quando evocamos a violência voltada a grupos, a violência contra a mulher emerge como grande personagem nesse palco.

De forma a verificar isto, foi feito um levantamento, mediante bibliotecas virtuais de artigos científicos nas bases de dados SCIELO, BVSPsi e Periódicos Capes, buscando-se artigos que possuíssem em suas palavras-chave o termo “Violência”. Os artigos foram selecionados segundo a língua na qual foram publicados (Português Brasileiro) e que tivessem sido publicados em periódicos com revisão por pares. Os artigos foram cruzados de modo a eliminar artigos repetidos, e artigos que embora apresentassem a palavra-chave não tratavam do tema em questão. Ao todo foram encontrados 739 resultados, os quais foram analisadas e retirados aqueles que não condiziam com os termos de busca resultando num total de 597 artigos. Os resultados encontrados são apresentados no gráfico 1.1:

Gráfico 1.1: Relação de grupos vítimas de violência em publicações científicas brasileiras:



Para que pudessem ser analisados os artigos foram subdivididos em categorias, sendo que foi-se caracterizado como violência urbana artigos publicados em que se fazia referência a diversas formas de violência sem um objeto direcional, ou seja, furtos, agressões, número geral de mortes em uma determinada região e tentativas de diminuição geral da violência por parte do governo. O grupo referente à violência de gênero diz respeito a publicações em que o objeto de pesquisa foi a violência motivada pelo gênero do participante, sendo composta de artigos que investigam, em sua maioria, a condição de pessoas trans enquanto vítimas de alguma forma de violência. Por critérios de investigação, separamos a violência de Gênero da violência contra a mulher pelo fato desta última ser numericamente mais significativa, embora ainda figure como violência de Gênero.

Conforme podemos observar a violência contra a mulher aparece como personagem principal nas publicações brasileiras sobre violência com um total de 122 publicações. Seguida pela violência urbana com 71 publicações, número próximo a metade do número de publicações com o tema de violência contra a mulher. A partir desta investigação, outro elemento emerge como sendo de destaque: a violência doméstica enquanto elemento separado da violência contra a mulher. A categoria em questão, com 21 publicações, engloba não somente a violência contra a mulher, mas, em sua grande maioria, violências cometidas pelo homem no ambiente doméstico seja ela com a mulher ou com os filhos, ou contra qualquer pessoa que integre o ambiente doméstico daquele grupo.

A partir desta investigação, se fez perceber a relação entre os termos violência de gênero, violência contra a Mulher e violência doméstica, visto que na literatura estes termos se confundem e sobrepõe a todo tempo. Assim sendo, a violência de gênero é definida como qualquer forma de ataque, ou investida, contra um indivíduo pelo fato de este estar em uma posição desfavorável em relação a um homem em um sistema social dominado por homens (Kilmartin & Allison, 2007). Assim, qualquer pessoa que seja discriminada pelo seu gênero



seja esta pessoa um homem ou uma mulher, cis ou trans, e de qualquer orientação sexual, é uma vítima de violência de gênero (IPEA, 2019).

Outro conceito que se interpola aos demais é o conceito de violência doméstica. Esta forma de violência se caracteriza pelo ambiente no qual ela ocorre, sendo este o ambiente do lar, doméstico como o próprio nome diz (Varela, Oliveira, Freire, Ferreira, Santos, Bermúdez, Simizu, 2012; Balista, Basso, Cocco e Geib, 2004; Azevedo, 1995) Nesse sentido a violência doméstica não se restringe a violência sofrida pela mulher, entretanto ela acaba por ser a forma de violência mais comumente noticiada, visto que mulheres são as principais vítimas da violência doméstica no Brasil. Além disso, a confusão entre estes termos já pode ser vista na própria Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, 2006) sendo que esta coloca como violência doméstica a violência sofrida pela mulher no ambiente do lar e deixando de lado demais membros do círculo frequentador do ambiente doméstico.

Nesse ponto é importante que ressaltemos que, embora haja um maior enfoque da literatura em se apontar a mulher como vítima da violência doméstica, é importante apontar que o homem, assim como os filhos de um casal também podem ser vítimas de violência doméstica, entretanto estas acabam por ser subnotificadas dadas as características dos envolvidos (Conceição, Bolsoni, Lindner e Coelho, 2018; Balista, Basso, Cocco e Geib, 2004; Saffioti, 1997) . Embora nesses casos estima-se uma subnotificação significativa, vale ressaltar que no caso da violência doméstica contra a mulher também possui uma subnotificação significativa, a qual vem diminuindo, mas ainda precisa ser considerada como numericamente relevante (IPEA, 2019).

No caso mais específico da violência contra a mulher, ela é específica e voltada diretamente ao indivíduo do sexo feminino. Nesse caso, a investigação por parte de palavras-

chave nem sempre também acaba por ser eficiente uma vez que, em várias publicações, devido a confusão dos termos, essa última acaba por ser deixada de lado.

### **Violência e Gênero: a imposição cultural da submissão.**

Culturalmente definidos, e presentes em todas as sociedades, os papéis de gênero variam entre diferentes culturas, grupos, ou mesmo dentro de subgrupos de uma determinada ordem (Silva, 2009). Entretanto, ao se dividir uma cultura mediante elementos identitários –, como o gênero ou a orientação sexual de seus membros – tem-se um excelente meio de dominação de seus integrantes, podendo então fazer-se uso destes para segregar ou justificar esta segregação de seus membros (Foucault, 1999).

Quando se tem um reducionismo da sexualidade a seus elementos mais básicos – como a manutenção da espécie – você retira da classificação da norma socialmente aceita qualquer forma de sexo que não seja heterossexual e cis normativo. Dessa forma, opera-se uma limitação, de início, a quais sujeitos é garantida a normalidade psíquica, assim como a soberania mediante aos demais membros daquele grupo (Foucault, 1999). Mas, não se bastando somente deste instrumento de dominação, em conjunto a uma expectativa de espiritualidade que foi imposta a situação humana ao longo de vários anos de influência, há também uma submissão forçada da mulher a condição de sub-sujeito. Nesse sentido, a mulher passa a ser vista como uma parte do todo, e, portanto, indigna das mesmas condições dos indivíduos machos, heterossexuais e cis normativos que se encontram no poder (Foucault, 1987; 1999).

Quando se tem um pequeno grupo, associado a uma estrutura hierárquica fortemente imposta pela sociedade, uma insistência em permanecer no poder, este faz uso de mecanismos de dominação para que possa continuar impondo suas vontades, seja pela elaboração de leis que a institucionalizam, ou por meio da punição vexativa com sanções a sujeitos que se difiram do grupo, tem-se então a instauração de uma violência grupal, a qual visa a manutenção do poder. Ao longo dos anos, até meados do século XX, esta foi a forma como se estruturou a maior parte das sociedades ocidentais, e, portanto, possuiu meios para se arraigar em grupos que ainda utilizam destes mecanismos para se mostrarem "superiores" (Foucault, 1987; 1999).

Quando se passa a justificar uma relação de causalidade pela violência, e isto vem a ser aceito por embasar uma estrutura social amplamente difundida – seja pela conformidade, ou por permissividade social – cria-se um complexo e real problema. Isso, pois, os indivíduos passam a acreditar ser válida a utilização da violência para punir aqueles sujeitos que se diferenciam da norma, e, portanto, não merecem o tratamento igualitário ao restante da população (Foucault, 1987). Utilizar-se da violência para suprimir os elementos que não são interessantes para a maioria passa a ser justificável e, a partir disso, o diferente que sofre estas sanções acaba por desenvolver mecanismos de enfrentamento por não poder se separar do grupo, e tampouco de sua identidade, vindo a pagar por vezes com a própria vida em busca da mera possibilidade de coexistir em sua cultura sendo como é (Clarke, Ellis, Peel & Riggs 2010).

A violência existe em todos os contextos em que podemos vivenciar interações sociais. Ela depende apenas de um autor e um destino e, tendo estes, funciona como um vetor, possuindo determinada direção e sentido (Foucault, 1987). Embora o conceito de violência seja muito amplo, visto que existem várias formas de se exercer violência, podemos encontrar maneiras específicas por meio das quais ela se manifestar, seja por si só (como uma forma de lesar o outro) ou voltada a um determinado grupo que coexista por compartilhar determinada característica comum, como por exemplo a cor de pele, renda ou orientação sexual. Nos ocuparemos a seguir da violência quando direcionada a um grupo por diferenciar-se dos outros pelo seu gênero.

O conceito de violência pode tomar por base diversas definições, podendo ser utilizado de acordo com o contexto ou com o objeto que se busca explicar. Trabalharemos aqui com a definição de violência oferecida por Michaud (2001) em que violência é reconhecida como:

(n)uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua

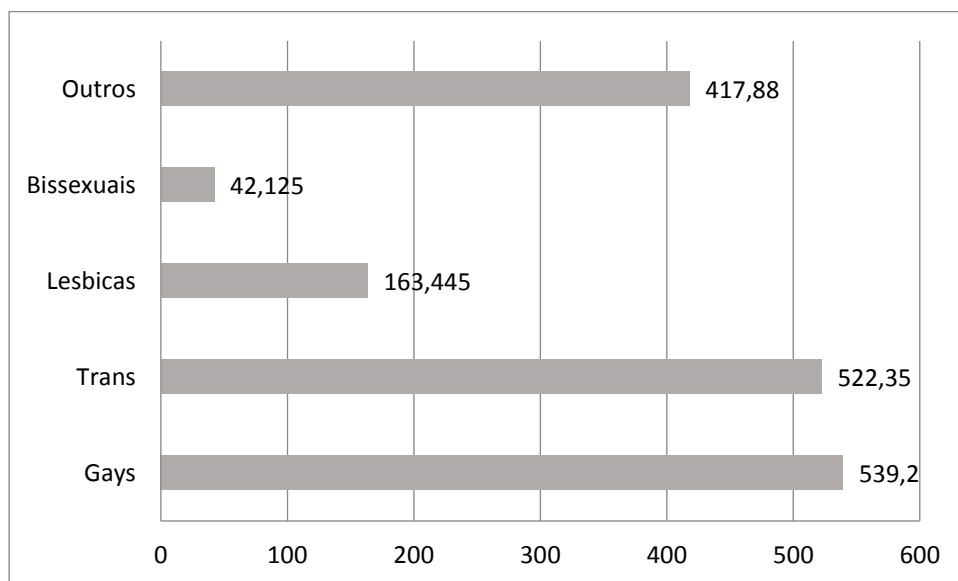
integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (Michaud, 2001; p. 10)

Essa violência é gerada por um sujeito e voltada a um determinado grupo. No caso temos como o objeto dessa violência o gênero, sendo que existem formas diferentes de se sofrer violência de gênero, seja por esse sujeito ser mulher, ou por possuir uma orientação sexual diferente do agente da violência. A violência de gênero surge como uma forma de violência, de natureza física ou psicológica, exercida contra um indivíduo ou grupo, cuja origem é baseada no sexo ou gênero daquele agredido e que influencia, de maneira negativa, em sua identidade e bem-estar social, físico ou psicológico (Izumi, 2007).

Iniciaremos esta discussão falando sobre a violência exercida contra as mulheres, as quais ainda são alvo de violência pelo simples fato de serem mulheres. Quando se coloca em pauta este elemento, é importante diferenciar-se que não é por uma mulher ser vítima de um crime que isto configura como violência de gênero. Para tanto, é necessário que o que tenha levado a violência seja o fato de ela ser uma mulher (Terry, 2007), entretanto, esta diferenciação não muda o fato de que mulheres são, no Brasil, as maiores vítimas da violência de gênero.

Quando apontamos tais dados, objetivamos por ressaltar que, no ano de 2017 (último ano do qual se tem registros dos números dos feminicídios) 4.936 mulheres foram assassinadas, número este que nos leva a uma estimativa de que por dia 13 mulheres perderam suas vidas em crimes de violência de gênero (IPEA, 2019). Além disso, também vale a pena citar que ao longo dos últimos dez anos houve um crescimento de 30,7% no número de crimes contra as mulheres em que a causa motivadora da violência seria o gênero da vítima. Doravante, outro número refere-se ao fato de que destas mulheres assassinadas, 66% eram mulheres negras (IPEA, 2019).

As outras vítimas da violência de gênero são a população LGBT+, sendo estas pessoas homoafetivas e pessoas transexuais em sua maioria. Ao longo do ano de 2018, o dado que se tem é de que foram registradas 1.685 denúncias, entretanto os números referentes a mortalidade deste grupo não foram registrados fielmente e, portanto, são imprecisos. O Gráfico 2.1 aponta o número de denúncias realizadas por cada grupo ao longo do ano de 2018 (IPEA, 2019).



*Figura 2.1 – Violência de Gênero sofrida pela população LGBT+ no ano de 2018:*

Conforme podemos observar no gráfico, ao longo do ano de 2018 foram realizadas (em números aproximados) 417 denúncias de violência contra homens gays, 522 denúncias por parte da população Transexual, 163 denúncias de violência contra Lésbicas e 42 denúncias de pessoas bissexuais. Embora este número seja numericamente grande, ele ainda é muito inferior aos números da violência contra a mulher.

Ao longo de suas vidas as mulheres irão, necessariamente, sofrer violência pelo fato de serem mulheres. Seja pelo fato de estarem ligadas a sociedades ainda patriarcais e excludentes, ou pelo fato de o mercado de trabalho ser excludente com estas por considerá-las menos capazes, as mulheres sofrerão com esta forma de violência: a violência discriminativa (Terry,

2007). Quando levamos em conta o exemplo brasileiro, ainda devemos considerar que este é o quinto país que mais comete feminicídios no mundo. Segundo dados da Secretaria de Direitos Humanos, no ano de 2017, foram identificados 140.350 casos de violência contra a mulher, os quais aparecem das mais diversas formas, sendo estes desde a violência física (50,7% dos casos), violência psicológica (37,81% dos casos), Violência sexual (5,05% dos casos) entre outros (Ministério dos Direitos Humanos, 2019).

Quando busca-se identificar a motivação que levaria a tal violência, a literatura especializada apresentava um viés que visava culpabilizar a própria mulher da situação a qual se encontrava. Entretanto, ao investigar mais profundamente, Aldarrondo e Sugarman (1996), procurando identificar as correlações existentes entre violência contra as esposas e comportamento agressivo, puderam perceber a coexistência de diversos elementos que influenciam as agressões exercidas contra as mulheres nos âmbito doméstico por parte de cônjuges ou companheiros, como por exemplo: a idade da mulher; idade do marido; número de anos de casado; número de filhos; conflito marital; discussões; situação empregatícia do marido; situação empregatícia da mulher; renda familiar; ocupação do tempo do marido; o fato de a mãe da mulher tê-la agredido durante a infância; o fato de o pai da mulher tê-la agredido quando criança. Ao considerarmos estes elementos, podemos perceber que a violência de gênero, quando direcionada a mulheres é recorrente e influenciada por diversos aspectos que não estão em seu controle, deixando a mercê da vontade dos pares.

Embora estas considerações demonstrem um fator alarmante, é importante ressaltar que estas agressões citadas já foram justificadas por leis ao redor do mundo todo (Foucault, 1987). A exemplo disso podemos citar o artigo 107 do código penal (1988), revogado em 2005, em que o casamento anistiava o indivíduo que se casasse com a vítima de violência nos casos de crimes contra “os costumes” sendo os costumes crimes de violência sexual. Ao se legislar tal ideia remete ao fato de que, dentro do casamento, a mulher deve obediência ao marido e que

deve cumprir com certas obrigações. O sexo era entendido como uma delas. Dessa forma, a mulher deve sexo ao marido. A violência institucional permeia então a ideia da vida privada de tal forma que a vida privada passa a ser refúgio para o exercício da violência contra a mulher.

Ao longo do tempo, com a percepção das proporções que haviam atingido as questões da violência contra a mulher, passou-se a investir em políticas que visassem protegê-las (Gadoni-Costa; Zucatti e Dell'Aglio, 2011). Com isto, foram criadas as delegacias especializadas no atendimento de mulheres e investigação destas ocorrências, o que visava trazer visibilidade ao problema em questão.

Posteriormente, foi trazida à tona a questão de Maria da Penha, uma mulher que devido a violências domésticas constantes acabou por levar um tiro – desferido por seu então marido – enquanto dormia tornando-se paraplégica. O caso teve grande repercussão nacional e posteriormente, os esforços de Maria da Penha no combate contra a violência domésticas culminaram na elaboração da Lei n. 11.340/2006, que passou a penalizar criminalmente os sujeitos que lezassem uma mulher pelo fato de ela ser mulher (Gadoni-Costa; Zucatti e Dell'Aglio, 2011).

Conquanto estas duas formas de prevenção da violência contra a mulher tenham emergido como formas de prevenir e criminalizar a violência sofrida por mulheres, estas foram responsáveis pela diminuição de somente 10% de toda a violência cometida contra estas mulheres, e este número se reduz a cada ano, embora o número de notificações aumente (Ministério dos Direitos Humanos, 2016). Além disso, é verificada ainda uma ineficácia na Lei Maria da Penha, haja vista a existência de algumas lacunas jurídicas que permitem que os agressores saiam impunes, assim como o fato de a Constituição Federal Brasileira de 1988 ainda devolver aos agressores, quando casados com estas mulheres, as vítimas de agressão, por não haver comprovação de sua palavra (Buzo, 2011).



A violência contra a mulher aparece como principal forma de violência de gênero, mas outro tipo chama atenção também por seus números no Brasil: A violência contra a comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e queer). No caso da violência voltada para a comunidade LGBTQ+ existem outras nuances que influenciam para que esta violência seja vista como não tão severa (Clarke, 2010). Fazemos inicialmente a definição de psicologia LGBTQ+: aqui, temos então a psicologia Queer, a qual engloba todo esse grupo em sua definição. A psicologia Queer, tem por preceito acolher quaisquer indivíduos que não sigam o padrão heterossexual cis normativo dentro de uma comunidade (Clarke, 2010), ou seja, qualquer designação sexual fora da acima citada é admitida como Queer.

Quando falamos em Psicologia Queer, embora tenhamos em destaque o enfoque na sexualidade, não se trata somente deste aspecto, mas sim de todos os elementos que permeiam esta relação, como preconceito, discriminação, situação familiar e o efeito de "saída do armário" (Clarke, Ellis, Peel & Riggs 2010). Portanto, ao trazer à tona a psicologia Queer automaticamente se acrescenta a este grupo o estudo da violência sofrida por estes (Clarke, 2010).

Ainda hoje, os indivíduos que se identificam como pertencentes ao grupo Queer, conforme definido acima, ainda são vistos como doentes ou psiquicamente desajustados, e, por isso são constantemente alvo de grupos que planejam "tratá-los" (Clarke, 2010). Assim, conforme a definição de violência, há, neste caso, uma violência simbólica, em que um sujeito tem sua possibilidade de exercício de sua personalidade intimidada ou cerceada, não podendo expor para os grupos aos quais pertence sua verdadeira identidade. Quando trazemos estes dados devemos levar em consideração que hoje, no Brasil, a cada dezenove horas um homossexual morre vítima de suicídio ou violência pelo fato de ser homossexual (Ministério dos Direitos Humanos, 2016).

Assim como no caso da violência contra a mulher, no caso dos LGBTQ+, o principal problema recorrente diz respeito a execuções públicas, as quais tem denúncias efetuadas e investigadas em menos de dez por cento dos casos (Ministério dos Direitos Humanos, 2016). Além disso, em contraponto ao que acontece no caso da violência contra a mulher, o Brasil possui muito poucos dados no que se refere a violência contra a população LGBTQ+, com a violência neste âmbito sendo amplamente subnotificada (Ministério dos Direitos Humanos, 2016). Neste caso, os elementos que surgem como correlacionados a violência contra esta população, aparecem permeados por discursos religiosos e políticos, em que a sociedade identifica a identidade de gênero como um desfavor a sociedade, além de um simples caso de libertinagem ou uma educação muito permissiva por parte dos pais (Apóstolo, Moscheta e Souza, 2017).

Outro fator de destaque refere-se a publicações científicas na área. Quando investigados em bases de dados artigos referentes a violência contra a população LGBTQ+ ou homossexuais, são encontrados poucos artigos. Além disso, a maior parte das publicações disponíveis sobre o tema tendo sido publicados nos últimos nove anos, o que nos fornece um panorama interessante sobre a atenção ainda recente dada a este público no que diz respeito a visibilidade acadêmica.

Podemos verificar que, no caso do Brasil, a violência de gênero se encontra bastante acentuada e ainda existem grandes dificuldades tanto em ser denunciada, quanto na efetividade da manutenção e aplicação das leis por não punir aqueles indivíduos que a infringem. Tem-se também que a violência sofrida por mulheres ocorre em número alarmante, e ainda há um longo caminho a se percorrer até que seja vista uma real diminuição dos dados de violência apresentados aqui.

Outro ponto de destaque diz respeito ao fato de que, conquanto um grande número de mulheres relate sofrer abusos desde sua infância, a sociedade de forma geral ainda exige uma

mudança de comportamento por parte destas, e não daqueles que efetivamente são os agentes que exercessem efetivamente o abuso. Nesse caso, seria necessária a utilização de campanhas sócio-educativas para a divulgação de que o errado não é o modo de se apresentar socialmente, mas a forma como se trata o indivíduo em suas diversas formas de apresentação, seja ele homem ou mulher; cis ou transexual; hétero ou homossexual ou qualquer espectro de gênero existente entre estes.

Ademais, outro dado que devemos relacionar, diz respeito ao fato de que, aqui, ao longo deste texto, trouxemos dados referentes somente a violência de gênero, sendo que, quando cruzados os dados desta violência com os dados referentes a cor de pele e escolaridade dos participantes, há uma agravação dos dados, sendo que, no caso de mulheres, as maiores vítimas de agressão são negras, sendo que quanto menor o nível de instrução destas mulheres, mais expostas elas se encontram a sofrer algum tipo de violência. No caso Queer, há um maior número de denúncias por parte de homens brancos pelo fato de que não há dados suficientes sobre violência cometida contra negros homossexuais, sejam estes homens ou mulheres (Ministério dos Direitos Humanos, 2016).

**Objetivo:**

Objetivo Geral: Identificar quais são as representações sociais dos participantes acerca da Violência Sexual contra mulher;

Objetivos Específicos: 1. Evocar mediante as participantes o que acreditam que interfere na violência sexual contra a mulher; 2. Identificar quais as representações da amostra acerca de quais são as consequências da violência sexual contra a mulher; 3. Identificar o que os participantes acreditam que sejam as causas da violência sexual contra a mulher; 4. Identificar se os participantes apresentam o que pode melhorar ou piorar a situação da violência sexual contra a mulher.

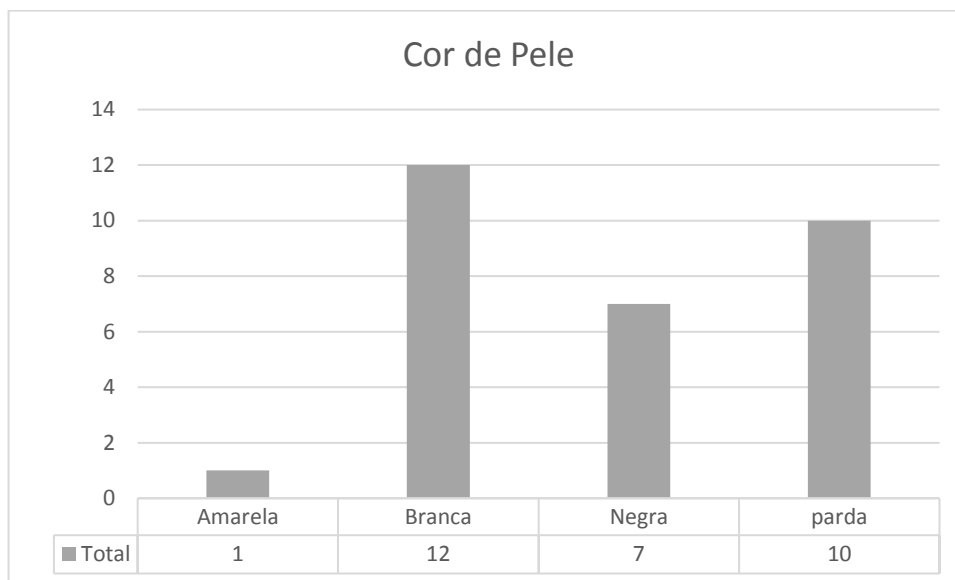
**Método:****Participantes:**

Para que pudéssemos investigar as representações sociais das mulheres da cidade de Brasília, foram entrevistadas 30 mulheres, número determinado pelo software Iramuteq (Camargo e Justo, 2013), que estabelece a necessidade de 30 trechos textuais para que se possa realizar uma análise, de idades variando entre 19 e 60 anos de diversas das regiões de Brasília. Para abordar as diferentes realidades das mulheres, e não apenas a realidade dos postos de saúde como acontece comumente na literatura, o critério de inclusão para a participação na pesquisa foi o critério de ser mulher, estar de acordo com o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2), e estar passando pelo terminal rodoviário central de Brasília.

A amostra foi composta por diversas mulheres de diversas idades com idade média de 31,71 anos ( $Dp=12,99$ ) e média de 1,6 filhos por pessoa ( $Dp= 1,46$ ). Destas mulheres duas se declararam ser mulheres transsexuais, 2 delas se declararam bissexuais e 3 se definiram como

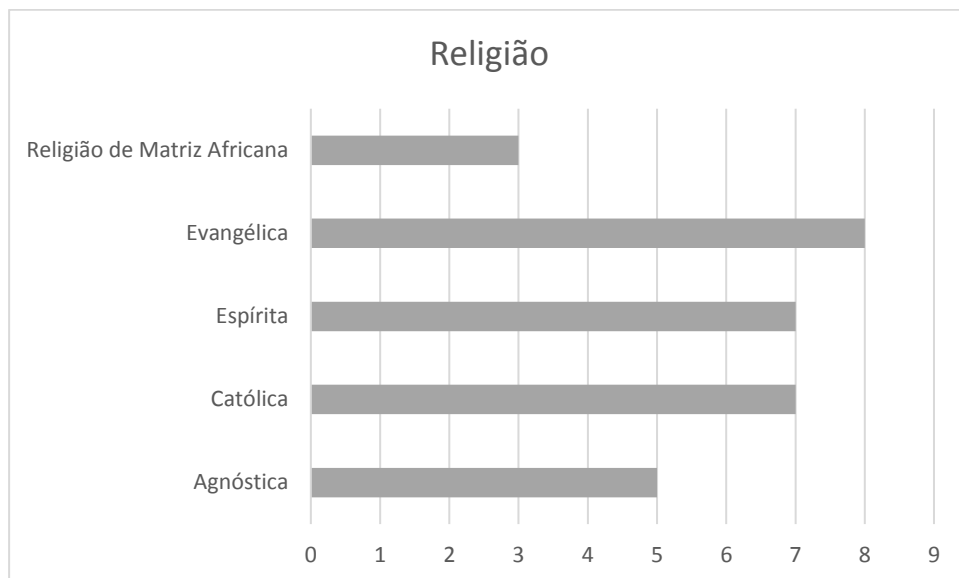
homossexuais. Quanto a divisão da cor de pele segundo declaração dos participantes se deu conforme a tabela 4.1

Tabela 4.1: Disposição da declaração de cor de pele dos participantes



Conforme podemos observar, a maior parte da amostra foi composta por pessoas autodeclaradas brancas (N=12), seguida por pessoas que se declaravam pardas (N= 10). A disposição da Religião dos participantes também se deu conforme a tabela 4.2:

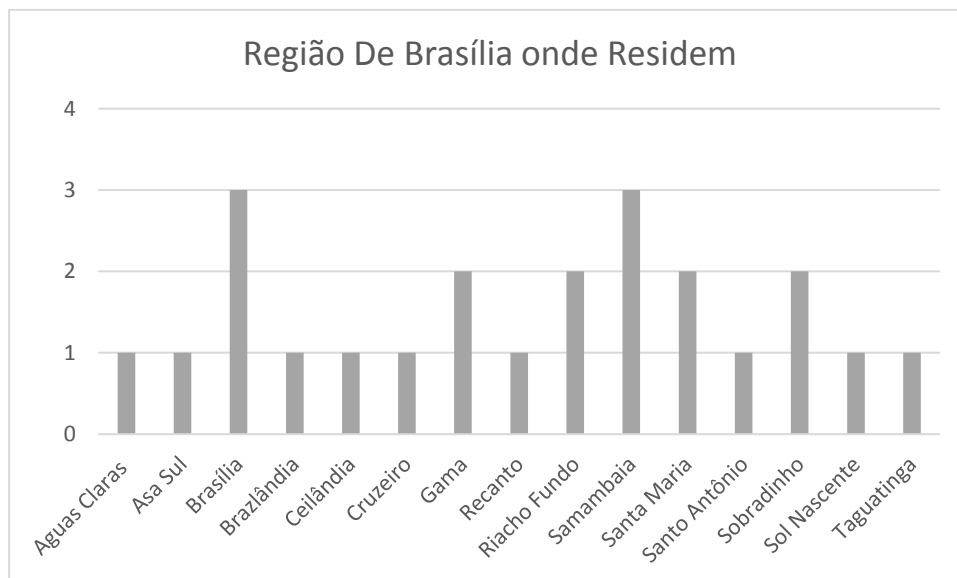
Tabela 4.2 Disposição da relação de Religião das participantes:



Neste aspecto é importante ressaltar que a maior parcela das participantes se declarava evangélicas (N=8) e em seguida mulheres que se declaravam espíritas e católicas (N=7) seguidas por agnósticas (N=5) e de Religiões de Matriz Africana (N=3). Esta última categoria foi feita da junção de duas outras religiões, sendo elas Umbanda e Candomblé visto que em ambos os casos os respondentes disseram fazer parte de Religiões Africanas. Conforme apresentado no Anexo 1, o questionário possuía uma questão aberta para que os participantes versassem quanto a sua cor de pele e religião, sendo então necessário a consideração do valor da autodeclaração.

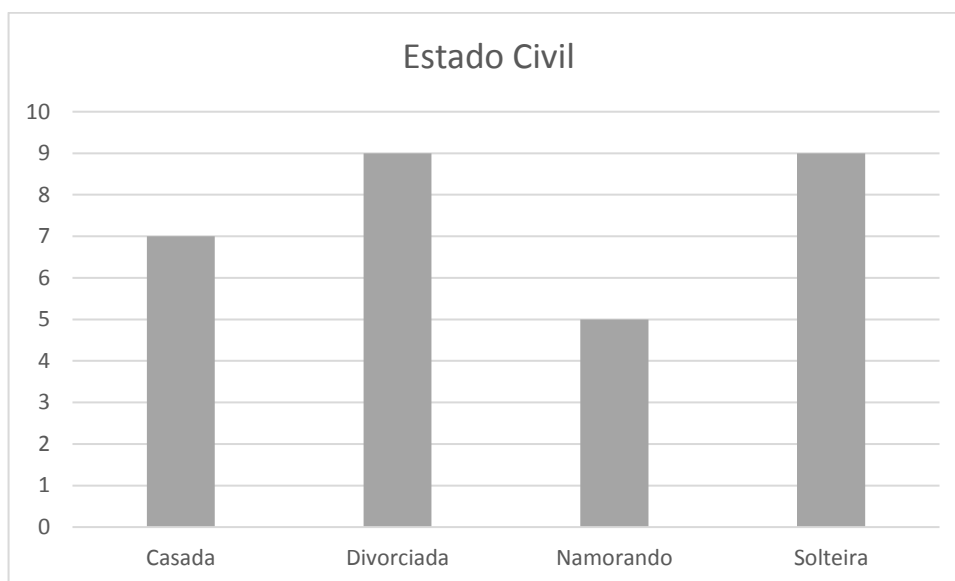
Com relação a região do DF de onde os participantes residiam se apresentou bastante dispersa, visto a proporção do número de cidades satélites existentes no DF. Desse modo a distribuição das participantes se deu conforme a tabela 4.3

Tabela 4.3 Distribuição das Participantes segundo região do DF.



Vale ressaltar que com relação a região de Brasília onde residiam não foi respondida por 2 participantes, e 3 participantes não especificaram a região de Brasília na qual residiam respondendo apenas com o nome do estado. Com relação ao estado civil das participantes, conforme apontado na tabela 4.4, nove mulheres se declararam Solteiras, mesmo número de declarações de mulheres que se autodeclaravam divorciadas. Sete mulheres se disseram casadas e cinco estavam namorando. Não houve declarações de mulheres em união estável.

Tabela 4.4 Estado Civil das Participantes

**Instrumento:**

Para que este trabalho fosse conduzido, trabalhamos inicialmente com a elaboração de um questionário baseado segundo a proposta do instrumento EVOG (Verges, 1994). Assim, o participante é solicitado a evocar 6 palavras-chave e em seguida numerá-las em ordem de importância segundo sua opinião. Em seguida o participante deve justificar a escolha da palavra-chave considerada como sendo a mais importante. Em seguida foram adicionadas duas questões que versavam sobre o que o participante julgava ser a causa de um determinado acontecimento e outra referente ao que a participante considerava que poderia melhorar ou piorar a situação do dado acontecimento.

O questionário foi então composto de quinze questões abertas, com respostas curtas e um questionário sociodemográfico composto por oito questões conforme apontado no Anexo 1. O questionário foi “divido” em quatro partes. De modo a se investigar se as participantes percebiam se havia diferenças nas representações sociais de Violência Sexual, Violência contra a Mulher e Violência Doméstica, foram feitas três seções que perguntavam respectivamente: Quais as 6 primeiras palavras que vem à mente do participante ao ser



indagado a respeito de Violência Sexual; Numere as palavras em ordem de importância para você; e por qual motivo você considera a palavra mais importante como mais importante.

Em seguida, nas próximas duas seções, foram feitas as mesmas perguntas, mas versando sobre Violência contra a Mulher e Violência doméstica. A quarta seção correspondia ao questionário sociodemográfico que indagava sobre a idade, identificação de gênero, Local onde mora, número de pessoas com as quais reside, Cor de pele, identidade Religiosa, Tipo de relacionamento no qual se encontra e se possui filhos ou não.

Previamente ao instrumento as participantes eram solicitadas a ler e concordar com o termo de consentimento livre e esclarecido. Para facilitação da aplicação o aplicador lia juntamente da participante o termo e, caso consentisse, prosseguia-se a aplicação do questionário.

### **Procedimentos:**

Para que os dados pudessem ser coletados, visando manter a aleatoriedade da amostra, foi feita uma abordagem de passantes na rodoviária de Brasília. A rodoviária de Brasília é um espaço que funciona como ponto central para passantes de diversas regiões do Distrito Federal e sua função é interligar todas as cidades que se unem para formar a região. Pensando-se nessa função, considerou-se a realização de entrevistas com mulheres que estivesse passando no local de modo a abordar mulheres de diversas áreas da região e não somente um grupo específico de pessoas que não representam uma parcela real da população.

Assim, para a aplicação dos questionários, o pesquisador permaneceu no andar inferior da rodoviária, no qual há maior circulação de pessoas e abordou aleatoriamente mulheres que ali passavam. As mulheres eram convidadas a participar da pesquisa por meio de uma explicação sobre o motivo de se fazer a pesquisa e apontamento de como seria a realização da mesma. Neste momento inicial da conversa eram passadas informações sobre o vínculo

acadêmico do pesquisador e o sigilo das informações que seriam passadas, além de o fato de que em momento algum as participantes seriam identificadas nos questionários.

Era-se então informado as participantes que, caso consentissem com a pesquisa poderiam desistir de responde-la a qualquer momento que quisessem. O tempo médio de aplicação dos questionários foi de 15 minutos.

Dada a ciência das mulheres sobre a pesquisa, duas vias do termo de consentimento livre e esclarecido eram entregues a participante. O termo era lido juntamente com as participantes e caso aceitassem participar elas assinavam o termo e prosseguiam para o questionário ficando com uma das vias do termo de consentimento.

Acerca do questionário este foi aplicado de duas formas distintas, em uma das formas o questionário era apenas entregue as participantes, se fazia uma explicação breve e a participante, de caneta em mãos, respondia o questionário conforme a explicação. A medida em que as explicações ocorreram, foi necessário que, em determinadas ocasiões, o pesquisador lesse e respondesse o questionário para as participantes, segundo o que respondia e da forma como respondiam, preservando-se erros e discordâncias ortográficas devido ao fato de que algumas das participantes declararam não possuir instrução, mas desejavam responder a pesquisa.

### **Análise de Dados:**

A análise dos dados se deu em 3 momentos: Primeiramente as questões referentes a evocação de palavras foram analisadas segundo o software OpenEvoc (Sant'anna, 2012) o qual possui ferramenta online para a investigação dos resultados; Num segundo momento as demais questões foram analisadas uma a uma segundo a proposta do software independente Iramuteq (Ratinaud, 2009); Em um terceiro momento os conteúdos foram analisados segundo

a proposta de análise qualitativa da Bardin (1977). Cada uma das etapas será melhor descrita a seguir.

Para que fosse realizada a primeira etapa, a análise das representações sociais segundo o software OpenEvoc (2012) os dados referentes as evocações foram transcritas em uma planilha conforme a ordem de importância apresentado pelas participantes. É feito então o upload dessa planilha para o site “<http://www.hugocristo.com.br/projetos/openevoc/openevoc.php>” o qual realiza as devidas análises e aponta quais foram os quatro quadrantes de informações evocadas segundo aquele grupo de respostas.

No primeiro quadrante situam-se os elementos do núcleo central, conforme aponta a teoria proposta por Abric (1998), no segundo os elementos da primeira periferia, sendo estes elementos essenciais das representações para este grupo, mas não essenciais, seguidos da segunda periferia e dos elementos distantes. Para que pudessem ser feitas estas análises erros ortográficos foram corrigidos de modo a adequar à norma padrão da língua. Este mesmo processo foi feito em todas as análises que envolviam a utilização de softwares.

Para a segunda análise, as questões discursivas foram todas transcritas segundo as exigências dos códigos do software Iramuteq, o qual exige que todas as transcrições estejam de acordo com os dicionários existentes no programa, o que significa que alguns termos precisam ser editados, adicionados ou transformados em trechos de frase de modo que termos que se referem a termos diferentes, tal como a diferenciação entre violência-contra-a-mulher e violência seja estabelecida, de modo a diferenciar coisas que são diferentes embora usem as mesmas palavras. Nesta análise são produzidos documentos contendo todas as respostas de cada uma das questões abertas por vez segundo a codificação do software em um arquivo de texto, o qual é submetido a análise no software produzindo análises lexicais de cada uma das questões.

Por fim, em uma última análise, os conteúdos dos questionários foram analisados segundo a proposta de análise textual de Bardin (1977) a qual é composta de 3 etapas, a saber: pré-análise; Exploração do material; e Tratamento, inferência e interpretação dos resultados. Na primeira das etapas (pré-análise) é feito o reconhecimento do texto, sua operacionalização e há um primeiro contato com o texto a ser analisado. Ainda nessa mesma etapa é feita a demarcação do que será trabalhado, seguido da referenciação do texto por meio de recortes em seu conteúdo, os quais serão então analisados.

Em seguida o texto será subdividido em categorias de modo a correlacionar conteúdos comuns, em que serão produzidos temas que abordam significados comuns nas falas das participantes. Por fim, na terceira fase será feita a análise dos resultados obtidos de modo a evocar um aspecto comum nas respostas emitidas por meio de uma análise reflexiva (Bardin, 1977). Esta última análise depende da interpretação do autor, e, portanto, possuem caráter subjetivo.

## Resultados

### Análise de Frequência segundo OpenEvoc:

Conforme a proposta apresentada, os dados iniciais foram lançados em planilha segundo o software OpenEvoc, o qual realizou as análises cabíveis com relação a investigação do núcleo central das representações sociais de violência sexual. Nesta análise inicial se encontram na figura 6.1 os resultados obtidos segundo esta análise frequência versus ordem de evocação. As tabelas produzidas pelo software Evoc foram reduzidas a 8 resultados em cada uma das categorias, as tabelas de evocação completas podem ser visualizadas na seção anexos como os anexos de 3 à 5.

<p>Frequência <math>\geq 1,5</math> O. de Evocação <math>&lt; 2</math></p> <p><b>Estupro</b></p> <p><b>Machismo</b></p> <p><b>Abuso</b></p> <p>Agressividade</p>	<p>Frequência <math>\geq 1,5</math> O. de Evocação <math>\geq 2</math></p> <p><b>Covardia</b></p> <p><b>Violação</b></p> <p>Homem</p> <p>Medo</p> <p>Desrespeito</p> <p>Violência Física</p> <p>Ignorância</p> <p>Trauma Drogas</p>
<p>Frequência <math>&lt; 1,5</math> O. de Evocação <math>&lt; 2</math></p> <p>Opressão</p> <p>Desconsideração</p> <p>Falta de Respeito</p> <p>Falta de Amor</p> <p>Nojo</p> <p>Sozinha</p>	<p>Frequência <math>&lt; 1,5</math> O. de Evocação <math>\geq 2</math></p> <p><b>Intimidação</b></p> <p><b>Repulsa</b></p> <p>Sobrepujar</p> <p>Assédio</p> <p>Propriedade</p> <p>Ameaça</p> <p>Álcool</p> <p>Indiferença</p>

Figura 6.1: Núcleo central das representações sociais de Violência Sexual contra Mulher

Segundo a proposta do Software OpenEvoc, a primeiro quadrante representa o núcleo central das representações de violência sexual para a amostra composta por 30 mulheres contida na amostra. Desta forma, o núcleo central se compõe ao redor das representações de

Estupro, Machismo, Abuso e Agressividade. Assim, estas são as palavras que foram compartilhadas pelo maior número de mulheres. No segundo quadrante se encontram a primeira periferia, a qual é compartilhada por muitos sujeitos, mas não se enquadram enquanto centrais. Neste aspecto, podemos destacar as evocações de Covardia, Violação, Homem, Medo, Desrespeito, Violência Física, Ignorância, Trauma e Drogas.

Em seguida são analisadas aquelas palavras que se encontram centrais para alguns, mas que não são consideradas como núcleo central das representações. Este grupo se destaca pelas palavras Opressão, Desconsideração, Falta de Respeito, Falta de Amor e Sozinha. Estas representações compõem o núcleo das representações de outras pessoas, e, mesmo não sendo as mais compartilhadas, podem representar apenas uma variação das palavras existentes no núcleo central, além de, por conter expressões, e termos pessoas de diferentes origens, é necessário se considerar o que cada sujeito significou por meio de sua evocação.

No último quadrante, se encontram as palavras que variam entre a composição das representações, e que são facilmente mutáveis, compondo a zona de intersecção das representações sociais, a qual é composta de palavras pouco evocadas ou representadas de maneira diferente das demais, mas com o mesmo significado, como por exemplo assédio que poderia ser considerada semelhante as palavras Violação, na primeira periferia, e Abuso, contidas no Núcleo central destas representações. O mesmo ocorre para a expressão sobrepujar, que, em significado, se assemelha a conceituação de opressão e abuso.

Seguimos então para a análise das palavras evocadas na investigação da violência contra a mulher segundo o OpenEvoc. Os resultados obtidos são apresentados na figura 6.2 conforme se segue:

<p>Frequência <math>\geq 1,5</math> O. de Evocação <math>&lt; 2</math></p> <p><b>Raiva</b></p> <p><b>Falta de Confiança</b></p> <p><b>Desrespeito</b></p> <p><b>Agressão</b></p>	<p>Frequência <math>\geq 1,5</math> O. de Evocação <math>\geq 2</math></p> <p><b>Machismo</b></p> <p><b>Cultura</b></p> <p><b>Dor</b></p> <p><b>Traição</b></p> <p>Violência Física</p> <p>Dependência Econômica</p> <p>Submissão</p> <p>Falta de Amor</p>
<p>Frequência <math>&lt; 1,5</math> O. de Evocação <math>&lt; 2</math></p> <p>Subjugo</p> <p>Pornografia</p> <p>Diminuição</p> <p>Desamparo</p> <p>Assédio</p> <p>Vitimização</p>	<p>Frequência <math>&lt; 1,5</math> O. de Evocação <math>\geq 2</math></p> <p>Falta</p> <p>Depressão</p> <p>Discriminação</p> <p>Desinformação</p> <p>Indignação</p> <p>Força Bruta</p> <p>Bate como Menina</p> <p>Violência Doméstica</p>

*Figura 6.2 Núcleo central das representações sociais de violência contra a mulher*

Podemos observar neste caso que, conforme apontado pelo núcleo central destas representações sociais, que a violência Contra a Mulher se estabelece ao redor dos conceitos de Raiva, Falta de Confiança, Desrespeito e Agressão. Ao mesmo tempo, na primeira periferia se encontram elementos como Machismo, Cultura, Dor, Traição e Violência. No Terceiro quadrante, como apresentado anteriormente configuram os elementos que são centrais para alguns, mas que são variáveis da representação central. Neste caso, as representações se compõem segundo os conceitos de Subjugo, Pornografia, Diminuição, Desamparo, Assédio e Vitimização. No último quadrante, as representações se dão segundo a Falta, Depressão, Discriminação, Desinformação, Indignação e Força Bruta

A última das análises investigou as representações sociais de violência doméstica, obtendo como resultado a figura 6.3:

<p>Frequência <math>\geq 1,5</math> O. de Evocação <math>&lt; 2</math></p> <p><b>Necessidade</b>  <b>Crianças</b>  <b>Desrespeito</b></p>	<p>Frequência <math>\geq 1,5</math> O. de Evocação <math>\geq 2</math></p> <p><b>Medo</b>  <b>Machismo</b>  <b>Dependência</b>  <b>Filhos</b>  Descaso  Dor  Ignorância  Álcool</p>
<p>Frequência <math>&lt; 1,5</math> O. de Evocação <math>&lt; 2</math></p> <p>Físico  Segregação  Marido  Violência contra os Filhos  Violência Alheia  Falta de Religião</p>	<p>Frequência <math>&lt; 1,5</math> O. de Evocação <math>\geq 2</math></p> <p>Mulher  Necessidade  Desestrutura Família  Descumprir Promessas  Violência contra Esposa  Abuso de Poder  Falta de diálogo  Psicológico</p>

*Figura 6.3 Núcleo central das representações sociais de violência doméstica*

O núcleo central das representações de violência doméstica encontrados para este grupo de mulheres é composto pelos termos Necessidade; Crianças; Desrespeito e Falta de Respeito. Da mesma forma como apresentado anteriormente a zona periférica compõe-se pelas palavras Medo, Machismo, Dependência, Filhos e Descaso.

Ao mesmo tempo, as representações que aparecem no terceiro quadrante, como importantes, são: Físico; Segregação; Marido; Violência contra os Filhos e Violência Alheia. Assim como as evocações distantes evocadas foram: Mulher, Necessidade, Desestrutura Familiar, e Descumprimento de Promessas.

Conforme pudemos observar, embora as representações sejam aparentemente semelhantes, os núcleos centrais apresentaram conteúdos diferentes, especialmente no que se refere a Violência Doméstica. Embora diferentes, as representações conversam entre si, conforme pudemos ver, o machismo aparece, se não como elemento central da representação,



como é o caso da Violência Sexual, ele se estabelece nas zonas periféricas principais, o que denota a importância da compreensão deste elemento.

### **Análise de Corpus Textual segundo IRaMuTeQ:**

Em primeiro lugar é importante ressaltar que, embora o software estipule que é necessário que se estabeleça um Corpus textual composto de pelo menos 30 fragmentos de texto, este número pode não permitir que todas as análises sejam devidamente analisadas pelo software. Algumas das análises dependem de repetições e proximidade entre os termos assim como a comparação entre quais elementos se comparam entre si. Este é o caso do Dendograma. O Dendograma, projetado segundo método Reinert é composto pela comparação de temas em um corpus textual, se o corpus textual não apresentar variação significativa, ou não possuir segmentos de texto suficientes para que seja feita uma comparação entre termos semelhantes, não será possível a sua realização. Este foi o caso do presente estudo.

Embora tenhamos considerado o tamanho de amostra, e levado em conta a quantidade necessária de segmentos de textos para que a análise fosse possível, uma das análises acabou por ser deixada de lado devido similitude entre os temas abordados, e, portanto, não sendo possível a realização de um dendograma que abordasse os diferentes temas abordados pelas participantes. Dito isso, iniciamos essa seção com a análise de similitude entre os temas evocados.

### **Causas da Violência Sexual contra Mulher**

Conforme podemos ver na figura 6.4 (também possível de se visualizar no anexo 3), quando convidadas a evocar o que consideravam como causa da violência sexual, a evocação central destas mulheres se deu ao redor do substantivo Mulher, o qual se encontra associado a

todas as categorias subjacentes, e aos seguimentos de interção, ou quadrantes. Assim, fica-se observável que o termo mulher se associa: por um lado aos termos poder homem, machismo e violento. Por outro ao termo falta, o qual por sua vez, se associa a termos como caráter e amor. E por último o termo mulher associado a Sociedade.

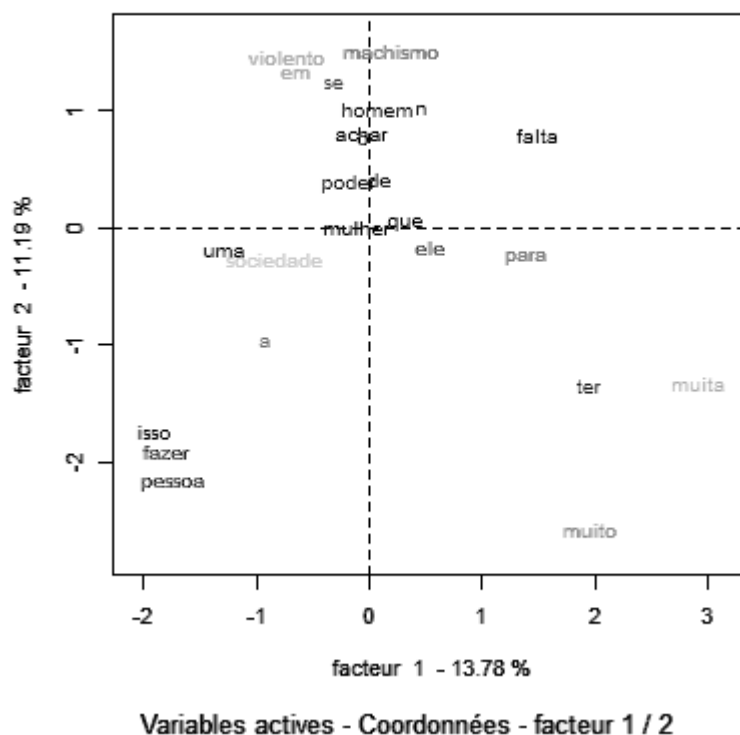
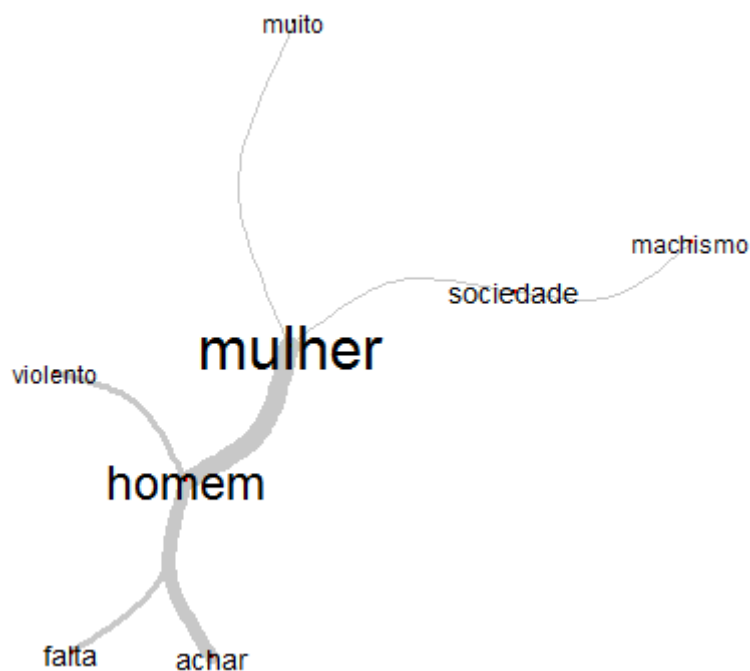


Figura 6.4 Gráfico de Análise fatorial de Correspondência do termo Causa da Violência Sexual

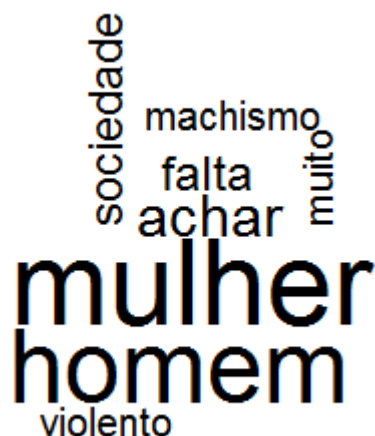
Dessa forma, podemos observar que a violência Sexual contra a mulher se encontra associada, pelas próprias mulheres, ao machismo e ao homem; A falta de elementos que levam a violência sexual; e a sociedade. A seguir, ainda nesta categoria, apresentamos o Cluster de palavras por similitude para a forma Causa da Violência Sexual Contra a Mulher na Figura 6.5.



*Figura 6.5 Gráfico de Cluster para a forma Violência Sexual contra Mulher*

Como podemos observar, ao centro, temos a mulher, a qual une todos os termos, associada por um lado ao homem, o qual se mostra representante de 3 categorias: violência, Falta e achar, as quais serão melhor explicadas na etapa de discussão dos resultados, uma vez que estes termos se encontram associados a outros de menor taxa de evocação, mas de grande significância. Por outro lado, temos a mulher associada a sociedade e o machismo nela contido.

Ainda nesta categoria, foi gerada uma nuvem de palavras, a qual não possui muitas palavras em sua composição dado o tamanho da amostra, mas que vem de encontro com o até então apresentado. Conforme podemos observar na Figura 6.6, a nuvem de palavras se dá ao redor dos mesmos termos até agora discutidos: Mulher, sociedade, machismo e homem. A nuvem de palavras tem por objetivo mostrar as palavras em ordem de tamanho segundo a sua evocação, e em proximidade, apontando quais termos são evocados mais vezes em conjunto, produzindo um mapa de proximidade de respostas semelhantes.



*Figura 6.6 Nuvem de palavras para a forma Causa da Violência Sexual contra Mulher*

### **Possibilidades mediante a Violência Sexual contra Mulher**

A segunda categoria analisada diz respeito as possibilidades de melhora ou piora da violência sexual contra a mulher. Nesta categoria de análise os resultados apontam, embora confusos, para 5 interações entre as respostas. Conforme veremos na Figura 6.7 (posteriormente no anexo 4), a primeira categoria refere-se ao auxílio da mulher vítima de violência sexual. A segunda categoria refere-se a mudança na cultura na qual a mulher se insere, a qual se encontra observável no segundo quadrante da figura. A terceira categoria se refere a necessidade de uma melhora na educação.

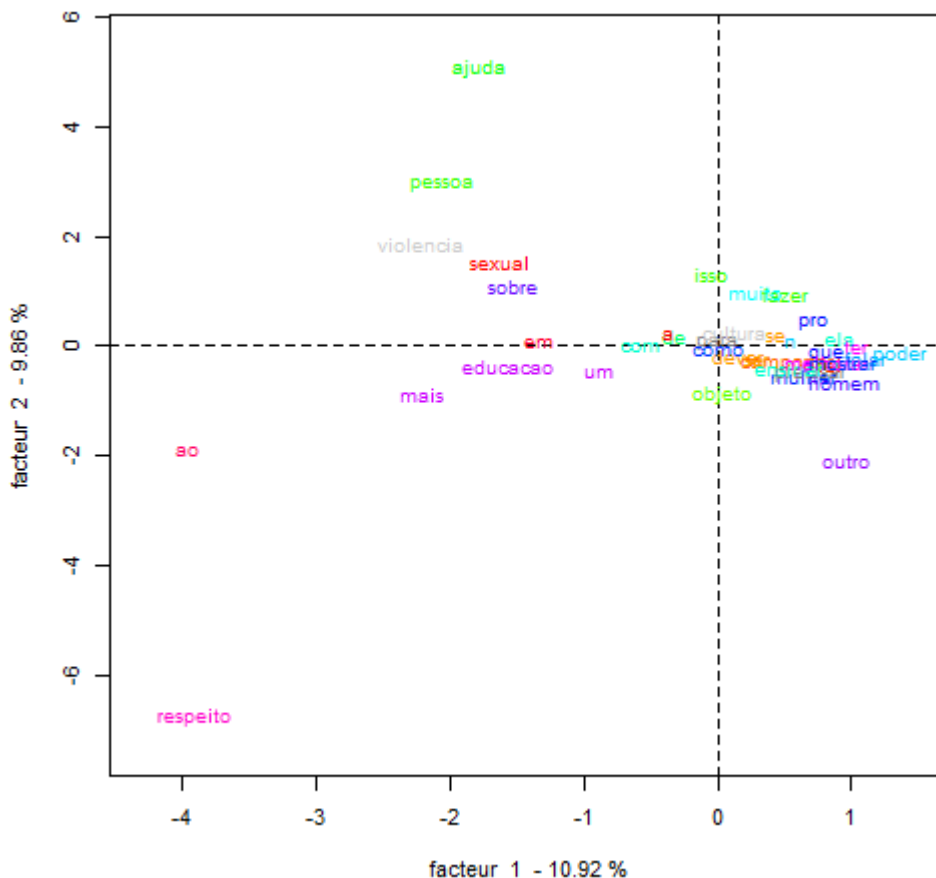
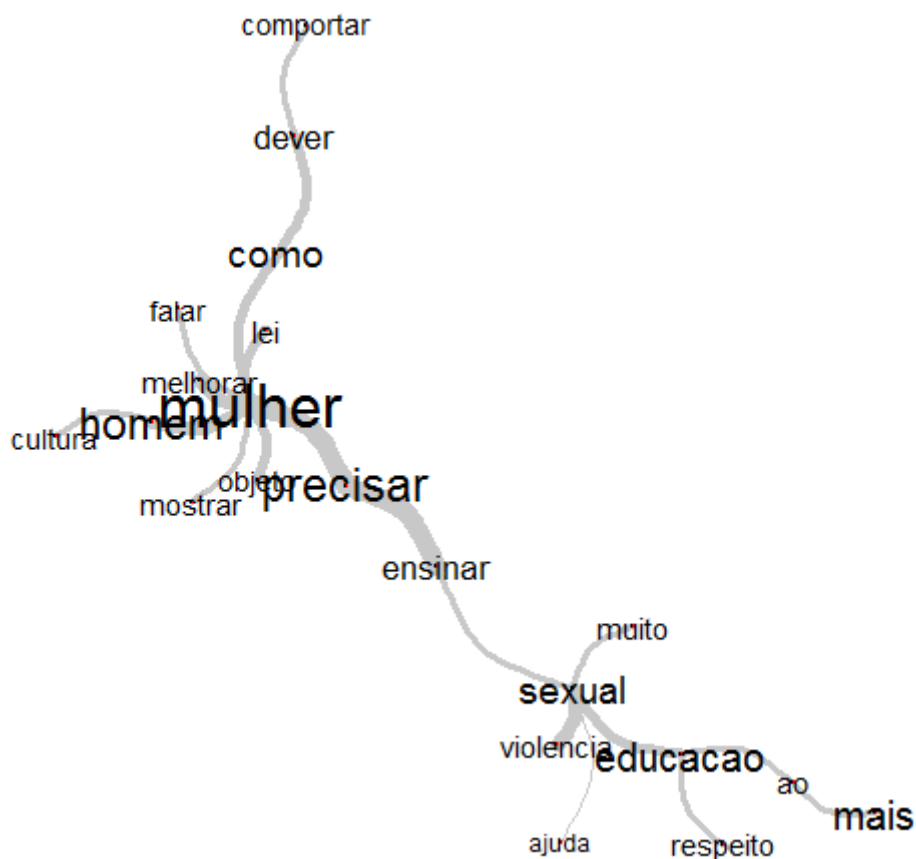


Figura 6.7: Gráfico de Análise fatorial de Correspondência do termo possibilidades na Violência Sexual

Por último, o gráfico elaborado aponta para duas outras categorias: a necessidade de um espaço de fala para as mulheres, e uma alteração no comportamento dos homens. Devido à dificuldade de compreensão da figura, em relação a formatação exigida, as tabelas em melhor qualidade se encontram inseridas na seção anexos. Em seguida, foi produzido um gráfico de cluster acerca das possibilidades da mulher. Conforme a proposta da pergunta, a figura apontou a existência de dois temas distintos.

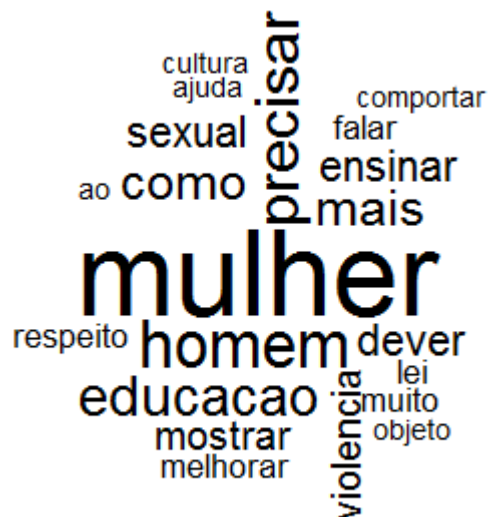


*Figura 6.8 Gráfico de Cluster para a forma possibilidades mediante Violência Sexual contra Mulher*

Conforme podemos observar, no tronco principal da figura, centra a figura da mulher, a qual aponta para a relação desta com a lei e interações com a formas de comportamento. Outra observação possível remete a relação existente entre a forma de interação homem-mulher e cultura, assim como o relacionamento da objetificação da mulher. Assim, a ramificação principal aponta para a necessidade de uma melhora na educação sexual, assim como a necessidade de se ensinar sobre violência e respeito.

Por último, foi-se elaborada a nuvem de palavras dos termos evocados. Nessa categoria podemos observar, conforme apontado pela figura 6.8 a necessidade de a mulher precisar falar mais sobre o tema, novamente a questão referente aos comportamentos, e por

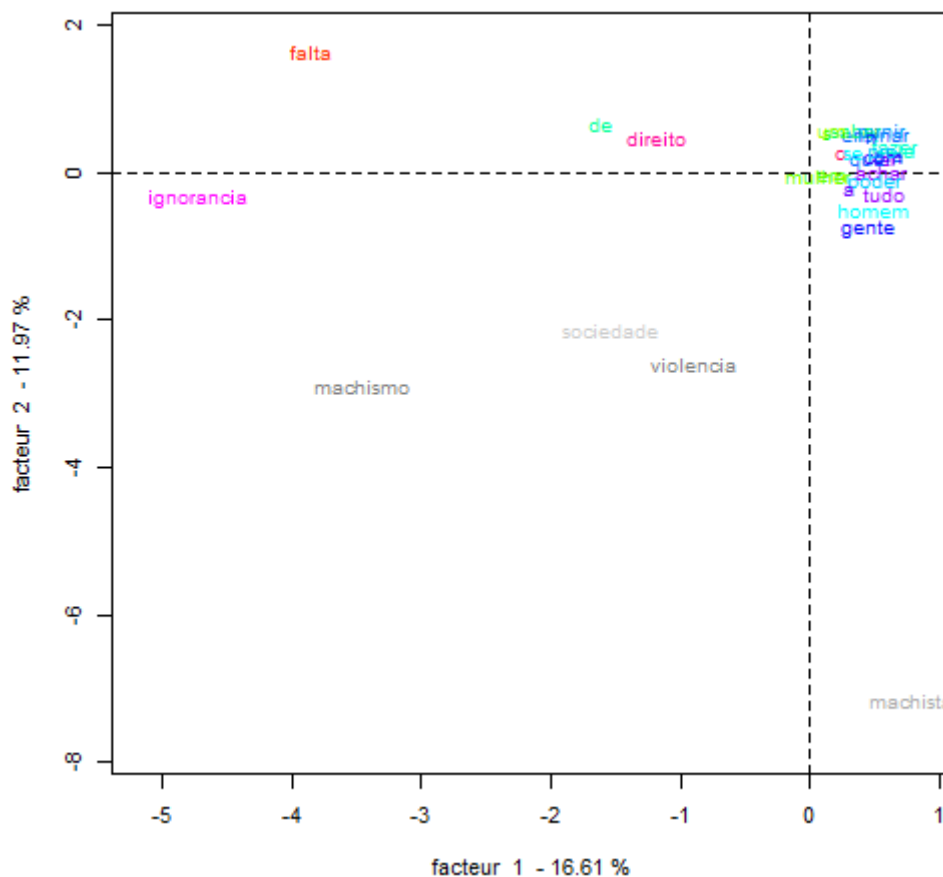
outro lado a relação da mulher enquanto objeto, a relação entre homem, lei, respeito e educação.



*Figura 6.9: Nuvem de palavras para a forma possibilidades mediante a Violência Sexual contra Mulher*

### **Causas da Violência contra Mulher**

Nesta sessão, as mulheres participantes foram convidadas a evocar quais seriam, para elas as causas da violência contra a mulher. A partir destas evocações, foram produzidos os resultados conforme se seguem. Na Figura 6.10 (também presente no anexo 5) podemos observar que são perceptíveis 4 grupos de respostas.



*Figura 6.10: Gráfico de Análise fatorial de Correspondência do termo causas Violência conta a Mulher*

O primeiro grupo de respostas percebível, refere-se ao grupo da percepção da falta de direitos percebida pelas mulheres. A segunda categoria refere-se à necessidade de punição. Outra categoria remete ao machismo e a sociedade e por último as mulheres apontam para o homem achar que pode tudo. Em seguida analisamos o cluster acerca da violência contra mulher.

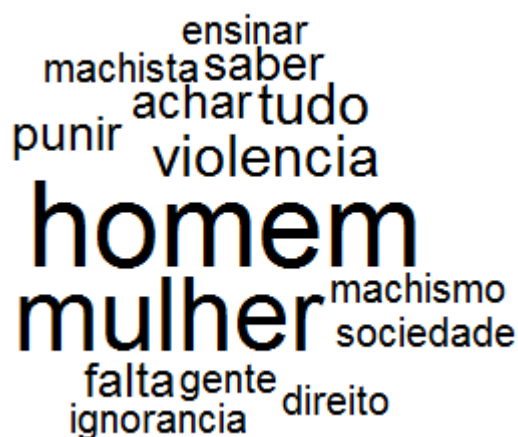




*Figura 6.11 Gráfico de Cluster para a forma causas da Violência contra a Mulher*

Conforme podemos observar na figura 6.11, as causas se estruturam ao redor do homem, sendo este ligado diretamente ao machismo, a punição, a violência e a uma sociedade machista e ignorante. Podemos perceber que a partir do tronco principal, as evocações que falam de direito, machismo, sociedade e ignorância seguem em mesma frequência e interrelacionadas o que sugere uma sociedade machista pautada na ignorância.

A seguir, a nuvem de palavras (figura 6.12) sugere e reforça novamente as relações existentes entre o homem, o machismo e a violência, assim como a mulher em uma sociedade machista. Vale ressaltar que, conforme exibido na nuvem de palavras, a palavra punição aparece bastante significativa e relacionada ao substantivo homem.

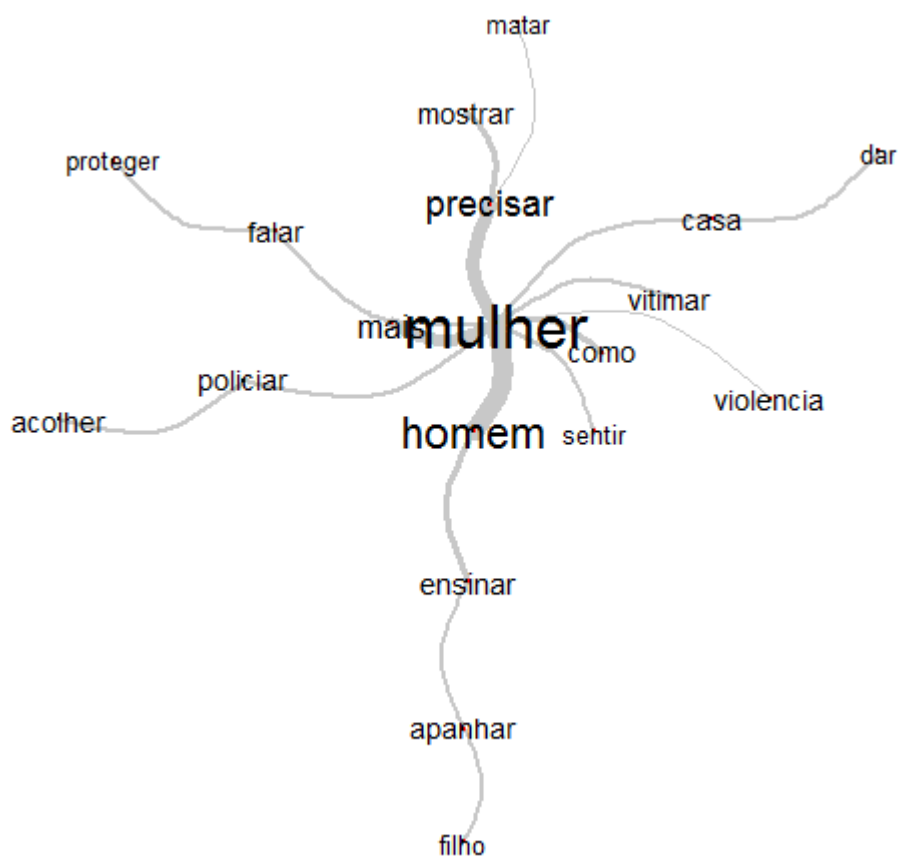


*Figura 6.12: Nuvem de palavras para a forma causas de Violência contra a Mulher*

### **Possibilidades mediante a Violência contra Mulher**

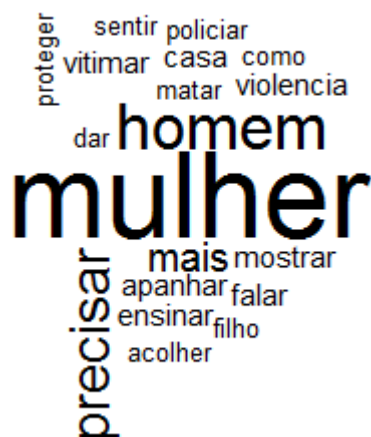
Nesta modalidade, devido ao caráter esparso das respostas obtidas, não se foi possível a elaboração de uma análise fatorial das formas encontradas, este padrão se repetiu para as próximas duas categorias: Causas da violência doméstica e possibilidades mediante a violência doméstica. Desta forma, seguiremos analisando apenas os clusters e nuvem de palavras das próximas categorias.

Conforme podemos observar no Cluster da figura 6.13, as participantes observam 5 possibilidades no enfrentamento da violência contra mulher. Partindo-se da ramificação principal, temos a necessidade de educação do homem com relação a violência, outras alternativas percebidas são a necessidade de acolhimento e proteção. Nesta figura também se aponta a relação existente entre as mulheres, a morte e a vitimização (nesse caso compreendida como ter a pessoa enquanto vítima).



*Figura 6.13: Gráfico de Cluster para a forma possibilidades mediante a Violência contra a Mulher*

Analisando-se então a nuvem de palavras da figura 6.14, podemos observar que os resultados apontados por esta remetem aos mesmos assuntos que o cluster contido na figura 6.13, com a diferença em que aqui podemos observar que as mulheres apontam que há uma relação entre o homem, a violência e mortes, ou seja, feminicídios. Além disso podemos observar também que há evocações referentes a se ensinar os filhos sobre a violência contra a mulher.



*Figura 6.14: Nuvem de palavras para a forma possibilidades mediante a Violência contra a Mulher*

### **Causas da Violência Doméstica**

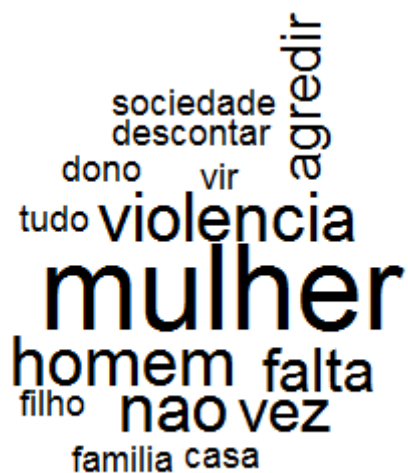
A última das categorias investigadas foi a violência doméstica, a partir disso, as participantes foram evocadas e responder acerca do que acreditavam ser as causas da violência doméstica. Dessa forma as respostas obtidas, conforme observável na figura 6.15, embora girem em torno do substantivo mulher, lembrando que a pesquisa foi respondida por mulheres, passam a evocar conteúdos referentes ao contexto familiar, como família, casa e filhos.



*Figura 6.15: Gráfico de Cluster para a forma Causas da Violência Doméstica*

Podemos perceber, a partir desta categoria, que também há uma relação entre as palavras agressão, falta (no sentido de não possuir algo em nível material em quantidades suficientes) e homem. Tal relação mostra uma percepção por parte das mulheres que a violência doméstica possui relação com a má administração de recursos.

Em consequente, a nuvem de palavras produzida tendo por base estes elementos aponta resultados semelhantes. Conforme podemos observar na figura 6.16, os resultados encontrados apontam para a mesma direção daqueles observados no Cluster de palavras, com o adicional de que aqui podemos observar que há uma relação entre a agressão vir em forma de retaliação a algum evento, (por meio da palavra descontar), ou seja a violência doméstica pode ser percebida aqui como uma forma de retaliação a algum evento.



*Figura 6.16: Nuvem de palavras para a forma causa Violência Doméstica*

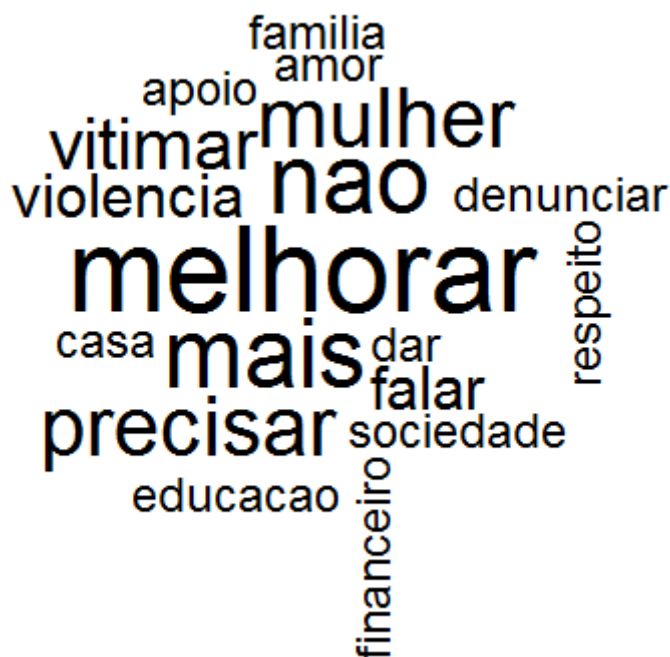
### **Possibilidades mediante a Violência Doméstica**

Na última das análises, de modo a se investigar o que as participantes viam como passíveis de melhorar ou piorar a situação da violência doméstica, foram emitidas as respostas conforme apresentadas na figura 6.17. Neste caso podemos observar que existem 3 núcleos.



Figura 6.17: Gráfico de Cluster para a forma possibilidades mediante a Violência Doméstica

Conforme podemos observar o primeiro dos núcleos se estabelece ao redor da negativa “não”, a qual, em relação as respostas emitidas pelas participantes, refere-se as negativas referentes ao que não pode acontecer mais, como não se ter mais a responsabilidade pela casa restrita a mulher, e a desistência dos padrões românticos, em que se não há amor na casa, a mulher deveria se afastar dela. O segundo dos núcleos aponta para a necessidade de a mulher denunciar as situações de violência. Por último, o ultimo grupo aponta para a necessidade de melhora financeira, da educação, do apoio e do respeito como forma de se diminuir a violência doméstica.



*Figura 6.16: Nuvem de palavras para a forma possibilidades diante da Violência Doméstica*

Por fim, conforme apontado pela nuvem de palavras contida na figura 6.18, podemos observar que esta é a única das nuvens de evocação de palavras que não se compõe ao redor da mulher, mas sim da necessidade de melhora. Nesse sentido podemos perceber que as mulheres percebem para que se possa ter uma alteração na violência doméstica há uma necessidade de melhora na educação, nas denúncias, no respeito, em casa, nos casos de violência, dentre outros.

Assim podemos observar que embora apontem para questões diferentes, todas as três formas de violência apontam para um homem enquanto sujeito agressor, imerso em uma sociedade com uma cultura machista. Além disso, é notável o apontamento, em todos os casos, da necessidade de a mulher se sentir acolhida pelo sistema de denúncias, assim como a necessidade de se melhorar a punição para os casos de violência.

Outra percepção gira em torno do fato de que, embora as formas de violência apontem para temas diferentes, os resultados versam sobre elementos bastante semelhantes. Embora a



violência doméstica tenha apontado para o lar, filhos, deslocando parcialmente a mulher do local de vítima, podemos perceber que, mesmo nesse caso, o homem ainda aparece como principal agressor, do mesmo modo como a mulher ainda aparece como principal vítima.

### **Análise de Conteúdo segundo a proposta de Bardin**

Seguindo a proposta de Bardin (1977) a análise se fará em 6 momentos, se analisando cada um dos três temas: Violência sexual contra a Mulher; Violência contra Mulher; e Violência Doméstica enquanto causas e possibilidades para cada um destes termos. Seguindo esta proposta as categorias foram lidas, assimiladas e posteriormente divididas e interpretadas segundo seus conteúdos. Nas transcrições de trechos foi mantida a grafia usada pela participante, o que significa que foram mantidos erros de grafia ou concordância.

### **Causas de Violência sexual contra a Mulher**

As respostas emitidas pelas participantes nesta categoria foram subdivididas em quatro grupos. O primeiro deles recebeu o nome de “Machismo, Opressão e Cultura”. Nesta categoria foram inseridas as respostas que estabeleciam que as causas da violência sexual se encontravam pautadas na cultura permissiva com o homem. Se enquadram conforme a justificativa de uma cultura opressora frases como “A sociedade patriarcal enraizou uma cultura do estupro que deixa o homem fazer isso”. Conforme podemos perceber nesta frase, há um estabelecimento de que existe uma permissividade para que isto seja feito.

A segunda das categorias, diz respeito a “Falta de Empatia”. Segundo este grupo de respostas, a violência sexual ocorreria porque o homem não se coloca no lugar da mulher enquanto vítima. Podemos perceber isto em respostas como “O homem não entende a posição da Mulher”, ou “O homem não sabe como é passar por assédio”. Assim, nessas respostas vemos o papel dado para a empatia na compreensão de que eles só exercem esta forma de

agressão porque não são capazes de se posicionar no lugar da mulher, e caso sentissem-se na posição de vítima compreenderiam a violência sexual de uma forma diferente e não exerceriam tal comportamento.

“Uso de drogas ou doença” foi o nome dado a terceira categoria que compõe este grupo. As respostas contidas nessa categoria distanciam a violência cometida de um indivíduo para uma condição. Vemos aqui, com frases como “Tem que ter distúrbios psicológicos para fazer uma coisa dessas” ou “o homem bebe e faz as coisas sem pensar”, que há uma justificativa de que a violência sexual apenas ocorreu devido a um distúrbio momentâneo que fez com que a pessoa agisse daquela forma, e que, em condições normais, a mesma pessoa não exerceria aquela ação.

Por último, “A mulher Propriedade” diz respeito ao último grupo de respostas. Embora se assemelhe bastante a falta de empatia, por também tratar da falta de capacidade de considerar o outro, este grupo coloca a mulher como um produto. “O homem bebe, acha que pode fazer o que quiser e acha que tem direito sobre a vagina da mulher” esta frase representa bastante as respostas apresentadas por este grupo.

### **Possibilidades diante da Violência Sexual Contra Mulher**

Para responder esta pergunta, as mulheres apontaram como possibilidades de atuação mediante a violência sexual contra a mulher, conteúdos que puderam se dividir segundo 3 categorias. A primeira destas categorias versa sobre a necessidade de “Educação”.

De acordo com estas mulheres haveria uma melhora significativa na violência sexual se as pessoas fossem educadas acerca das diversas formas de violência, pois algumas pessoas não sabem que são vítimas de violência, como em “Precisamos ensinar educação sexual pras criança porque ai elas sabem o que acontece com elas e sabem denunciar”.

Outra resposta presente neste mesmo grupo ainda diz da necessidade de se educar os homens para que não cometam este tipo de ação conforme apontado por “[...]O problema está na falta da educação masculina e no excesso da educação feminina. Há uma "naturalidade" de um homem ser violento e da mulher ser submissa que não deveria ocorrer, de ambas as partes e da sociedade como um todo [...]”.

A segunda categoria diz respeito a desconstrução da noção de que a mulher é uma propriedade. As mulheres apontam que é necessária “a conscientização de que o corpo da mulher não é um objeto disponível ao prazer do homem” e que “A TV mostra a mulher como um objeto, precisamos de mais exemplos em que a mulher não é mostrada como fácil, tem que dar valor pra mulher que esta em cima”.

Por fim, as mulheres apontam o papel da lei no amparo das mulheres, segundo elas “As Leis deveriam ser mais severas para melhorar a condição da mulher” e que “A conscientização das vítimas da importância de falar e fazer o BO/ as vítimas não podem ficar em silêncio e dar impunidade do agressor”. Neste caso também é apontada a necessidade de que a polícia melhore sua forma de lidar com o problema “[...]tem que acolher, dar espaço pra mulher falar, tem que mostrar pra mulher que ela está segura [...]”.

### **Causas da Violência contra a Mulher**

As causas da violência contra a mulher apontaram para três grupos de respostas. O primeiro deles volta, novamente, para o papel da drogadição dos participantes, o qual foi denominado de “Uso de drogas”. As respostas emitidas por esse grupo de resposta tendem a justificar que a violência contra a mulher ocorre devido ao uso de entorpecentes, neste caso as respostas tenderam a ser mais diretas, apenas afirmando o uso de drogas e álcool.

“O homem onipotente” aparece como segunda categoria de respostas. Segundo as participantes “A mulher não tem valor, o homem pode fazer tudo que quiser com ela que não

acontece nada com ele” e “[...]O homem sabe que não sera punido pelo que fez e não liga em repetir.” Embora estas questões abordem a ineficácia de nossas leis, elas não se referem diretamente a nenhuma forma de legislação, abordando somente o homem como capaz de fazer o que quiser. Por este motivo a categoria em questão considerou o homem como onipotente.

Como causa da violência contra a mulher, a amostra apontou os papéis de gênero como causa possível para esta ocorrência. Para estas mulheres vivemos em uma “Estrutura social baseada no conceito homem provedor, mulher reprodutora” e “Desigualdade de gênero, o jeito que as pessoas são criadas e ‘como se deve tratar as mulheres’”.

### **Possibilidades diante da Violência contra a Mulher:**

Diante da violência contra as mulheres o grupo de respostas versou principalmente sobre dois assuntos, os quais contemplaram grande parte das respostas. Em primeiro lugar, foi-se apontado o grupo “Lei”. Segundo a proposta de grande parte das mulheres, “Precisamos de leis mais rígidas em relação ao abuso contra a mulher e a ampliação de debates sobre relacionamento abusivo”, mas ao mesmo tempo “A policia devolve pra casa, tem que acolher, se a mulher saiu de casa tem que ter um lugar pra ela ir, nem toda mãe ama a filha incondicional, pra muita mãe a filha tem que apanhar calada. Tem que ensinar a acolher, a família e a polícia”.

Outra possibilidade percebida por estas mulheres residia na “Independência Feminina”. Esta categoria foi nomeada desta forma por contemplar a necessidade de as mulheres não dependerem de outras pessoas e conquistarem sua liberdade. Segundo estas mulheres “tem que valorizar a mulher pelo que ela é, e não como se ela dependesse de homem pra ser feliz, tem que ensinar a mulher a ser por ela mesma”, ou mesmo “, não depender de marido, ganhar o proprio dinheiro e ser independente financeiramente”.

Vale ressaltar que, embora estas duas categorias contemplassem a maior parte dos resultados, ainda houve grupos que eram contemplados por apenas uma resposta como a necessidade de religião, apontada pela fala “as pessoas precisam de Deus no coração”, entretanto, devido a somente uma fala contemplar tal assunto ele não configurou como uma categoria.

### **Causas da Violência Doméstica**

Da mesma forma como os outros grupos que contemplam as causas aqui também houve o grupo que considerou drogas como causa de violência. Entretanto foi numericamente menor o número de pessoas que se utilizou dessa alternativa como explicação para a violência doméstica.

Além das drogas, a violência doméstica foi vista como influenciada por três grandes grupos: “A Família”, “Financeiro” e “Inferiorização da Mulher”. Começando pelo ultimo dos grupos, assim como em evocações anteriores foi-se apontada a “Inferiorização da mulher” (título que é literalmente uma resposta de uma das participantes), segundo a qual se tem “A crença de que o homem e superior a mulher”, ou “O Homem achar que e dono da mulher” sendo estas apenas algumas das percepções destas mulheres.

Outra categoria composta a partir das respostas das mulheres se trata do elemento “Financeiro”. Para as mulheres “A violência doméstica pode ser causa por uma série de motivos. Acredito que existam alguns gatilhos da violência que podem ser melhor identificados: como problemas financeiros, desemprego.” Ainda há a percepção da influência financeira no próprio comportamento: “Quando as despesas não batem, e difícil lidar com a realidade, as vezes a gente desconta nos outros”.

Por fim, a categoria “família” contempla a família enquanto influenciadores da violência. Como podemos perceber em “O pensamento de que a mulher deve suportar tudo

pela família” a família não aparece aqui como vítimas da violência, mas como influenciadores de uma violência sofrida pela mulher, esta percepção se repete em todo o grupo, com respostas como “Você conviver com uma pessoa com quem não confia, as vezes o casamento e uma violência constante”. Ou seja, embora a família apareça como evocação, ela acaba por denunciar outra forma de violência voltada para a mulher.

### **Possibilidades diante da Violência Doméstica**

Mediante a última das categorias de evocação, emergem 3 grupos de palavras. O primeiro deles refere-se à repetição de elementos que evoquem “Amor”. Uma das propostas das evocações diz respeito a uma possibilidade de melhora diante da violência doméstica seria que “Para melhorar tem que ter amor” “mais amor ao próximo”, “Carinho e respeito”.

A segunda das propostas trabalha com a “independência financeira” como elemento influenciador da situação da violência doméstica. Neste caso “muitas vezes dependente financeiramente, e/ou tem filhos, o que impede que busque ajuda ou saia do relacionamento” aparece como sendo bastante recorrente nos assuntos apontados pela mulher. A terceira das categorias retoma a importância da lei.

O último grupo elaborado contempla as respostas que apontam para eficácia do sistema punitivo. Segundo estas mulheres “A sociedade precisa amparar as pessoas, dar espaço pra falar, a polícia tem que dar valor pra denuncia e acolher a mulher que não está bem em casa” “melhorar a divulgação e leis mais severas que punam agressores” e “Precisa de mais fiscalização, a polícia tem que interferir e não interfere”. Assim, as mulheres percebem como alternativa uma melhora no sistema punitivo.

## Discussão

Conforme apontado nos resultados, foram utilizados diversos métodos para se investigar quais as representações sociais de violência sexual contra a mulher, Violência contra a mulher e violência doméstica. Neste tópico trabalharemos então com a comparação entre todos estes termos.

Embora tenhamos usado softwares diferentes pudemos observar que os resultados obtidos foram, em maior parte congruentes entre si. Segundo a proposta e análise de diversas formas de evocação, as representações sociais de violência sexual contra a mulher apontam para a o homem, o machismo e comportamentos agressivos como elementos de seu núcleo central. Ao investigarmos mais a fundo, podemos perceber que para estas mulheres que compuseram a amostra desta pesquisa, elas consideram que a causa da violência sexual contra a mulher também gira em torno de homem, machismo e agressividade, mas também percebem que este é só um dos tópicos de referência das causas desta violência.

Suas evocações sugerem que, embora se tenha um núcleo central de evocações baseado no homem e sua agressividade, também percebem a sociedade como indutora de violência. Percebem também a associação entre a falta de amor como elemento fundamental da violência sexual sofrida pelas mulheres. Neste ponto, passa a ser necessária a percepção de que, embora embasados matematicamente pela repetição e frequência de conteúdos, as evocações podem ser complementadas pela análise da percepção do pesquisador como é o caso da categoria observável do uso de drogas.

Embora vários termos que remetem a drogadição tenham sido evocados, devido a multiplicidade de termos, esta categoria de respostas teria sido deixada de lado caso as análises se seguissem somente conforme a proposta de análise de softwares. Então, de acordo com as análises aqui elaboradas, as representações sociais de violência sexual da mulher, elaborada por mulheres de diversas regiões da cidade de Brasília-DF, giram em torno dos

elementos, Machismo, agressão, homem, falta de amor, sociedade machista e utilização de drogas, compondo assim um mapa das evocações produzidas por estas mulheres acerca desta forma de violência.

Com relação a Violência contra a mulher, foi percebida a proximidade de termos e formas de violência, assim como a proximidade entre os resultados. Como os termos violência Sexual contra a mulher e violência contra a mulher são semelhantes tanto em análise lexical, uma está contida na outra. Desta forma os resultados acerca das evocações de violência contra a mulher apontam inicialmente para um núcleo central ao redor de raiva, falta de confiança, agressão e desrespeito.

Em análise posterior segundo software de análise textual (IRaMuTeQ) as evocações acerca das causas da violência contra a mulher apontaram para a relação entre violência, direitos, a onipotência masculina e a sociedade machista. Neste sentido, observamos que a análise de conteúdo segundo apontada pelo autor e a análise do software apontaram para os mesmos resultados, com a adição do elemento “drogas” novamente ocultado do software devido a multiplicidade de formas de representação gráfica.

Então, as representações sociais de violência contra a mulher versaram sobre raiva, falta de confiança, drogadição, a percepção do homem como tendo poder sobre a mulher e uma sociedade machista e opressora. Em seguida, realizadas as análises referentes a violência doméstica podemos observar que os resultados obtidos também se relacionam entre si.

A proposta de investigação inicial aponta para um núcleo central das representações de violência doméstica ao redor dos termos Necessidade, Crianças e desrespeito. Ao investigar-se as demais respostas oferecidas pelo grupo de participantes, pudemos observar que a violência doméstica também girava ao redor do termo falta, e distribuição de recursos. Tal



compreensão apenas ficou esclarecida ao investigarmos o conteúdo das falas das participantes sem a utilização de softwares.

Segundo a análise de conteúdo, na qual observamos os conteúdos contidos nas falas das participantes percebemos então que as crianças e família versam sobre elementos que levam a violência sofrida pela mulher no ambiente doméstico. Ao mesmo tempo, necessidade, falta e distribuição de recursos se somam ao retratar a violência como aspecto da falta financeira de bens, que quando a família passa por necessidades acaba-se por vivenciar violência.

Podemos apontar aqui que as representações sociais das mulheres acerca de violência doméstica se estabelecem em torno da família enquanto gatilho para a violência doméstica, a necessidade e o desrespeito como fatores que influencia na violência voltada para a mulher no ambiente doméstico. Nesta última modalidade, caso a análise dos dados se desse somente via softwares baseados em evocação, apresentaria resultados incompletos acerca das representações sociais desse grupo.

Assim, quando comparamos as representações sociais de violência sexual contra a mulher e de violência contra a mulher, podemos observar que estes resultados vão de encontro àqueles observado anteriormente, contemplando inclusive as respostas emitidas pelos homens quanto a estes termos ((Nóbrega, Pessoa, Nascimento e Miranda, 2019; Isaacs & Mthembu, 2018; Rodrigues, Machado, Santos, Santos e Diniz, 2016; van Niekerk, & Boonzaier, 2015).. Embora tenhamos abordado um grupo de mulheres bastante esparso, estas não abordaram questões referentes ao mercado de trabalho conforme apontado em pesquisas anteriores (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012).

Então, prosseguimos para a relação existente entre as possibilidades de enfrentamento mediante a as situações de violência. Neste caso podemos observar que em todos os casos as

estratégias percebidas por estas mulheres são semelhantes em todos os casos. Aqui temos a melhora na legislação como elemento norteador de todas as três formas de violência.

A educação também aparece como ferramenta apontada por estas mulheres como forma de se combater as diversas formas de violência. Assim como a educação, estas mesmas mulheres apontam a necessidade de que a estabilidade financeira é uma das formas de estas mulheres estarem menos expostas a situações de violência, de todas as três origens aqui abordadas. Desta forma pudemos acrescentar elementos apontados pela literatura como não abordados (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012).

Outra das propostas apontadas por esta pesquisa se tratava da identificação de semelhança ou diferenças entre as formas de violência contra a mulher, violência sexual e violência doméstica. Segundo as respostas adquiridas da aplicação dos questionários, segundo esta amostra de trinta mulheres aqui representadas, podemos identificar que os termos se encontram muito próximos enquanto a significação e a núcleo central, colocando a mulher como figura central da violência direcionada em todos estes casos.

Aqui então, em contraponto com a literatura previamente apontada, embora tenhamos múltiplos termos para designar a violência, nem todos eles se referem a situações diferentes. Embora a violência doméstica tenha sido apontada como diferente em termos de se encontrar restrita ao ambiente doméstico, a mulher ainda aparece como principal vítima desta categoria de violência. Ou seja, em termos de representação social, ambos a violência sexual contra a mulher, a violência contra a mulher e a violência doméstica se referem a violências sofridas pela mulher em diferentes contextos.

## **Considerações Finais**

Buscamos aqui tentar identificar as formas como as mulheres de diversas origens de Brasília, ou do Distrito Federal visto a amplitude de locais alcançados, significavam a violência sexual contra mulher, a violência contra mulher, e a violência doméstica. A partir deste convite para que as mulheres respondessem os questionários, foi feita uma investigação destes conteúdos de modo a investigar quais eram as representações sociais dessas participantes para cada um destes termos.

Ao longo da investigação, o objetivo era confrontar a literatura existente com novos elementos acerca destas representações de modo a utilizar uma nova amostra, um novo tipo de questionário de evocação, e uma análise de dados que contemplasse as demais formas utilizadas de modo a oferecer resultados relevantes para a teoria, e que, de alguma forma contribuíssem para o desenvolvimento da ciência em algum aspecto.

Embora tenhamos apresentados alguns elementos novos e investigado elementos que já haviam sido apontados pela literatura, pudemos investigar que, em alguns dos casos, as representações sociais conforme apontadas pela literatura, convergiram para aquelas aqui apontadas, e em outros casos divergiram. Ao apontar isso não significa que haja uma ou outra representação que seja mais significativa do que as demais.

Conforme propõe a teoria das representações sociais, uma representação se constrói por um grupo de pessoas, em um determinado local em uma determinada época. O que tentamos realizar ao longo dessa pesquisa foi uma complementação do que até então tem sido apresentado, além de investigar alguns espaços apontados pela ciência como sendo passíveis de investigação. Assim, não há aqui uma proposta de se determinar uma verdade absoluta ou se esgotar as investigações em uma área. Por se tratar de uma pesquisa em representações sociais é inclusive estimulado que sejam refeitas pesquisas de caráter exploratório de tempos

em tempos, de modo a sempre se ter um panorama do estado das artes dos mais diversos temas.

Além disso é necessário apontar que embora conduzido segundo uma série de padrões, seguindo uma série de normas para a investigação do tema de pesquisa, não significa que esta pesquisa esteja livre de limitações. A primeira limitação observada nesta pesquisa diz respeito ao tamanho da amostra. Para que esta pesquisa apresentasse resultados mais significativos seria interessante que dispusesse de uma amostra maior.

Ainda no que se refere às limitações de amostra, seria necessário que as participantes fornecessem um maior número de evocações para cada um dos conteúdos, e que as perguntas contemplassem outros elementos e de outra forma. Outro questionamento que nos foi falado pelas respondentes ao longo da pesquisa se trata da forma de apresentação, ao longo do tempo as perguntas que compõe o questionário se tornam monótonos.

Outro dos problemas encontrados ao longo da aplicação também diz respeito a coleta dos dados. Ao propor a aplicação de questionários, o pesquisador se dispôs a abordagem de participantes em um ambiente público. Entretanto, o pesquisador em questão é um homem, o qual investiga questões relacionadas a violência contra a mulher. A comparação entre estes elementos poderia ser considerada como um empecilho a validação desta pesquisa. A obtenção de resultados que apontam em sua maioria para o homem como grande causa da violência pode ser uma resposta a isto ao mesmo tempo em que uma resposta a validade da pesquisa.

Enquanto sugestão de pesquisas futuras, a realização das diversas investigações de literatura permitiu identificar que existe uma série de campos de investigação que permanecem pouco investigados, como um *gap* na literatura que diz respeito as violências lésbica e transsexual. Além deste pudemos verificar que casais homoafetivos de qualquer origem tendem a ser menos investigados em pesquisas cujo objetivo é identificar a violência

conjugal. O homem enquanto destino da violência sexual, e mesmo violência de gênero também se encontra distanciado enquanto objeto de pesquisa.

**Referencias:**

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 27-38 p.
- Abric, J-C. (2001). *Prácticas sociales y representaciones*. México, D. F.: Ediciones Coyoacán.
- Acosta, D. F., Gomes, V. L. O., Oliveira, D. C., Marques, S. C., E Fonseca, A. D. (2018). Representações sociais de enfermeiras acerca da violência doméstica contra a mulher: estudo com abordagem estrutural. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39, e61308.
- Aldarondo, E., & Sugarman, D. B. (1996). Risk marker analysis of the cessation and persistence of wife assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(5), 1010-1019.
- Alves, B. M. Pitanguy, J. (1991) *O que é Feminismo*. (8ªEd.) São Paulo: Editora Brasiliense
- Apóstolo, M. V. A, Moscheta, M. S., & Souza, L. V. e. (2017). Discursos e posicionamentos em um encontro de diálogo sobre violência a LGBTs. *Psicologia USP*, 28(2), 266-275.
- Arendt, H. (1994) *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará
- Aronson, E., Wilson, T. D. & Akert, R. M. (2015). *Psicologia Social* (8ª Ed.). São Paulo: LTC.
- Azevedo MA 1995. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: compreensão do fenômeno no Brasil, pp. 1-19. In *Anais da I Jornada Internacional sobre a Infância e Violência Doméstica/Proteção e prevenção*. Laboratório da Criança LACRI/IPUSP, São Paulo.
- Balista, C., Basso, E., Cocco., & Geib, L. T. C. (2004). Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 06(03).

- Bandeira, L. M. (2017) Violência, Gênero e Poder: Múltiplas Faces. Em Stevens C., Oliveira, S., Zanello, V., Silva, E., Portela, C., Mulheres e Violências: Interseccionalidades (pp. 14-35).
- Barsted, M., Linhares, L., Pitanguy, J. (2018) Brazil. In *Feminist Advocacy, Family Law and Violence against women* (pp. 30-50). UK: Routledge.
- Bento, B. (2006). Estudos de gênero: o universal, o relacional e o plural. Em: B. Bento. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (pp.69-108). Rio de Janeiro: Garamond.
- Bertoni, L. M., Galinkin, A.L. (2017) Teoria e métodos em representações sociais. em: Mororó, L. P., Couto, M. E. S., e Assis, R. A. M., orgs. *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS
- Bourdieu, P. (2010). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Buzzo, R. A. (2011). A Ineficácia da lei Maria da Penha. Fundação Educacional do Município de Assis. SP -Assis.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 125-137.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Carvalho, J. E. C. (2005). As Representações Sociais e o Conhecimento do Cotidiano: uma crítica metodológica a partir da Filosofia da Linguagem. *Revista Neurociências*, 13 (3), 145-151
- Cavalcanti, L. F., Gomes, R., E Minayo, M. C. S. (2006). Representações sociais de profissionais de saúde sobre violência sexual contra a mulher: estudo em três maternidades públicas municipais do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(1), 31-39.

- Cerqueira, D. R. C. (2014) *Causas e Consequências do Crime no Brasil*. Prêmio BNDES de Tese de doutorado. BNDES. Rio de Janeiro.
- Cezario, A. C. F., & Lourenço, L. M.. (2013). Violência conjugal contra o homem: uma análise bibliométrica. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(1), 144-156.
- Chenoweth, E., Lawrence, A. (2010). *Rethinking Violence*. London, England. The MIT Press
- Clarke, V. (2010). History, Contexts and Debates in LGBTQ Psychology. In: *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: an introduction* (Org.). Cambridge: Cambridge University Press, 23-46.
- Clarke, V., Ellis, S. J., Peel, E. A., & Riggs, D. W. (2010). *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Conceição, T. B., Bolsoni, C. C., Lindner, S. R., & Coelho, E. B. S. (2018). Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3597-3607.
- Cordeiro, L. G. (2013). Análise do perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de violência doméstica e familiar que alcançam a SEPS/MPDFT.
- Corradi, C. (2009) *Violence, identité et pouvoir: Pour une sociologie de la violence dans le contexte de la modernité*. Socio-logos [Online]
- Costa, M. C., Lopes, M. J. M, & Soares, J. S. F. (2014). Social Representations Of Violence Against Rural Women: Unveiling Senses In Multiple Views. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 213-221.
- Cruz, S. T. M, Espíndula, D. H. P., & Trindade, Z. A. (2017). Violência de Gênero e seus Autores: Representações dos Profissionais de Saúde. *Psico-USF*, 22(3), 555-567.
- Doise, W. (1985) Les représentations sociales: définition d'un concept. *Connexions*, v. 45, 243-253 p.



- Durkheim, E. (1994). Representações individuais e representações sociais. In E. Durkheim (Ed), *Sociologia e Filosofia*, (pp. 9-54). São Paulo: Icone.
- Engels, F. (2010). *The Origin of the Family, Private Property, and the State*. London: Penguin Books
- Erausquin, J., Withers, M., (2018) *Global Perspectives on Women's Sexual and Reproductive Health Across the Lifecourse*. Switzerland: Springer.
- Ferreira, M. C. (2010). Contemporary Social Psychology: National and International Main Trends and Perspectives. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 51-64.
- Flament, C., Rouquette, M.-L. (2003). Anatomie des idées ordinaires. Paris: Armand Colin.
- Fonseca, D., Ribeiro, C. G., e Leal, N. S. B. (2012). Violência Doméstica contra a Mulher: Realidades e Representações Sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24 (2), 307-314.
- Foucault, M. (1999). História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Foucault, M. (1978). *The history of Sexuality: An introduction*. New York: Pantheon Books
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1975)
- Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N., & Dell'Aglio, D. D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 219-227.
- Galinkin, A. L. & Ismael, E. (2011). Gênero. Em: L. Camino; A. R. R. Torres; M. E. O. Lima; M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp. 503-559). Brasília: Technopolitik.
- Galinkin, A. L.; Santos, C. & Zauli-Fellows, A. (2010). Estudos de Gênero na Psicologia Social. Em: A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp.17-29). Brasília: Technopolitik.

- Gomes, V. L. O, Silva, C. D., Oliveira, D. C., Acosta, D. F., & Amarijo, C. L. (2015). Domestic violence against women: representations of health professionals. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(4), 718-724.
- Guimelli, C. (1999) *La pensée sociale*. 1. Ed Paris: Presses Universitaires de France.
- Hirigoyen, M-F. (2006) *A Violência no Casal: da coação psicológica à agressão física*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. *Psicologia USP*, 23(2), 395-416. Epub July 17, 2012.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2019). Atlas da violência.
- Isaacs, D. e Mthembu, J. (2018). “I forgive him. It wasn’t easy for him”: social representations of perpetrators of intimate partner violence in the Western Cape Province media. *Critical Studies in Media Communication*. 35. 1-15.
- Izumi, K. (2007). Gender-based violence and property grabbing in Africa: a denial of women’s liberty and security. In: *Gender based Violence*. Oxford: Oxfam GB. 14-25
- Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In: D. Jodelet. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 31-61.
- Kerber, L. K. (1988). Separate Spheres, Female Worlds, Woman's Place: The Rhetoric of Women's History. *The Journal of American History*, 75(1) (9-39)
- Kilmartin, C., & Allison, J. (2007). *Men's violence against women: Theory, research, and activism*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Kind, L., Orsini, M. L. P Nepomuceno, V., Gonçalves, L., Souza, G. A., & Ferreira, M. F. F.. (2013). Subnotificação e (in)visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(9), 1805-1815.

- Laqueur, T. W. (1990). *Making Sex: Body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press.
- Leal, S. M. C., Lopes, M. J. M., & Gaspar, M. F. M. (2011). Representações sociais da violência contra a mulher na perspectiva da enfermagem. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 15(37), 409-424. Epub April 29, 2011.
- Lei n. 11.340. (2006). Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Presidência da República.
- Lei n. 12.015. (2009). Lei dos Crimes contra a Dignidade Sexual, DF: Presidência da República.
- Lerner, G. (1975). Placing Women in History: Definitions and Challenges. *Feminist Studies* 3.1 (pp.5-14)
- Michaude, Y. (1989) *A Violência*. São Paulo: Editora Ática
- Ministério dos direitos Humanos (2019) Dados sobre o Femicídio, Recuperado em Junho de 2019.
- Moscovici, S. (2005). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2004). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris cedex 14, France: Presses Universitaires de France. doi:10.3917/puf.mosco.2004.01.
- Nóbrega, V. K. M, Pessoa Júnior, J. M, Nascimento, E. G. C., e Miranda, F. A. N. (2019). Resignation, violence and filing complaint: social representations of the male aggressor from the perspective of the female victim of aggression. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(7), 2659-2666. Epub July 22, 2019.
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, 13 (1), 107-128.
- Oliveira, M. (2012). O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do trabalho às Formas elementares. *Debates do NER*, 22, 67-94.

- Oliveira, R. D. O. (1993). *Elogio da diferença: o feminino emergente*. (3ª Ed.) São Paulo: Editora Brasiliense.
- Palhoni, A., Amaral, M., & Penna, C. (2014). Representations of violence against women and its relationship to their quality of life. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 13(1), 15-24.
- Rateau, P., Moliner, P., Guimelli, C., & Abric, J-C. (2012). Social Representation Theory. In P. Van Lange, A. W. Kroganski, & E. T. Higgins (Orgs.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 477-497, v. 2). London: Sage
- Ratinaud, P. (2009) IRAMUTEQ: Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires (computer software) [Internet]. Available from: <http://www.iramuteq.org>
- Rodrigues, V. P., Machado, J. C., Santos, W. S., Santos, M. F. S., & Diniz, N. M. F. (2016). *Gender violence: social representations of relatives*. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 25(4), e2770015. Epub December 22, 2016.
- Sá, C. P. (1996). Representações sociais: O conceito e o estado atual da teoria. Em: M. J. P. Spink (Org.), *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social* (p. 19 – 45). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Safiotti, H. I. B. (1997) *Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade*. Lutas Sociais, PUC-SP.
- Sant'anna, H. C. (2012) *OpenEvoc: Um programa de apoio a pesquisa em representações sociais*. *Psicologia Social: Desafios Contemporâneos*.
- Silva, C. D., Gomes, V. L. O., Fonseca, A. D., Gomes, M. T. e Arejano, C. B. (2018). Representation of domestic violence against women: comparison among nursing students. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39, e63935. Epub July 23, 2018.

- Silva, M. A. (2009). *Religião, sexualidade e poder: A liderança religiosa e política dos Evangélicos pentecostais*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- Stearns, P. N. (2000). *Gender in World History*. São Paulo: Editora Contexto
- Therry, G. (2007). Gender-based violence. In: *Gender based Violence*. Oxford: Oxfam GB. XIII-XXIV.
- Tocqueville, A. (2010) *Democracy in America*. New York :G. Dearborn & Co.,
- Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. Em: J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs), *Psicologia Social* (p. 457 – 502). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- van Niekerk, T. & Boonzaier, F. (2015). Respectability, Chivalry and 'Fixing' Women: Men's Narratives of Intimate Partner Violence in Cape Town. *Onati Socio-Legal Series*. 5. 1471-1489.
- Varela S. T., Oliveira N. A., Freire J. N., Ferreira P. A. S. A. R. , Santos S. O., Díaz-Bermudez X. P., Shimizu H. E. (2012). Representações sociais acerca da violência doméstica das mulheres moradoras do da comunidade do Paranoá/Itapoã de Brasília-DF. *Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva*
- Vergès, P. (1994) *Approche du Noyau Central: propriétés quantitatives et structurales*. In: GUIMELLI, Christian (Dir.). *Structures et Transformations des Représentations Sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé. (pp. 233-254).
- Wagner, W. (1998) *Sócio-gênese e características das representações sociais*. In: Moreira, A. S. P.; Oliveira, D. C. (Eds.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, P. 3-25.
- World Health Organization - WHO. (2017). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization

## Anexo 1

### Instrumento de Evocação

## Violência Contra a Mulher

Prezado (a) participante, Estamos realizando uma pesquisa sobre Violência contra a Mulher. O questionário a seguir faz parte desse estudo. Para participar, não é necessário se identificar, sendo os dados fornecidos sigilosos. Não há respostas certas ou erradas. Todas as respostas são válidas. Sua colaboração é fundamental para a realização desta pesquisa.

1) Escreva as 6 primeiras palavras ou expressões que lhe vem à mente sobre Violência Sexual:

1 ( ) \_\_\_\_\_ 2( ) \_\_\_\_\_

3( ) \_\_\_\_\_ 4( ) \_\_\_\_\_

5 ( ) \_\_\_\_\_ 6( ) \_\_\_\_\_

Agora numere as questões em ordem de importância para você

Qual o motivo de você escolher a palavra que considera como mais importante:

---



---



---

2) Para você o que causa a violência sexual?

---



---



---

3) Na sua Opinião o que poderia melhorar ou piorar a situação da violência sexual?

---



---



---

4) Escreva as 6 primeiras palavras ou expressões que lhe vem à mente sobre Violência contra a Mulher:

1 ( ) \_\_\_\_\_ 2( ) \_\_\_\_\_

3( ) \_\_\_\_\_ 4( ) \_\_\_\_\_

5 ( ) \_\_\_\_\_ 6( ) \_\_\_\_\_

Agora numere as questões em ordem de importância para você

Qual o motivo de você escolher a palavra que considera como mais importante:

---

---

---

5) Para você o que causa a violência contra a mulher?

---

---

---

6) Na sua Opinião o que poderia melhorar ou piorar a situação da violência contra a mulher?

---

---

---

7) Escreva as 6 primeiras palavras ou expressões que lhe vem à mente sobre Violência Doméstica:

- 1 ( ) \_\_\_\_\_ 2 ( ) \_\_\_\_\_  
3 ( ) \_\_\_\_\_ 4 ( ) \_\_\_\_\_  
5 ( ) \_\_\_\_\_ 6 ( ) \_\_\_\_\_

Agora numere as questões em ordem de importância para você

Qual o motivo de você escolher a palavra que considera como mais importante:

---

---

---

8) Para você o que causa a violência Doméstica?

---

---

---

9) Na sua Opinião o que poderia melhorar ou piorar a situação da violência Doméstica?

---

---

---

**PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO:**

Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

Possui alguma identidade de gênero? \_\_\_\_\_

Região do DF onde mora? \_\_\_\_\_

Reside com quantas pessoas? \_\_\_\_\_

Você se considera, quanto à cor da pele? \_\_\_\_\_

Você se considera, quanto à religião? \_\_\_\_\_

Quanto a relacionamento, no momento você está: ( ) Solteiro(a) ( ) Ficando ( ) Namorando ( )  
União estável/Morando ( ) Casado(a) ( ) Separado(a) ( ) Outro.

Qual? \_\_\_\_\_

Você tem filhos? ( ) Não ( ) Sim. Quantos? \_\_\_\_\_

**Muito obrigada pela participação!**



**Anexo 2****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Prezada Senhora,

A Sra está sendo convidada a participar da pesquisa: “**Representações Sociais de Violência Entre Mulheres Brasileiras**” que tem por objetivo identificar o que as mulheres brasileiras compreendem por violência e quais as formas em que ela se apresenta.

Sua participação no estudo consistirá em responder algumas questões sobre violência contra a mulher. Não existem respostas certas ou erradas, só a sua opinião. Participar dessa pesquisa te consumirá aproximadamente 10 minutos.

Os riscos com essa pesquisa são **mínimos**, sendo que caso a Sra. se sentir desconfortável com qualquer uma das perguntas a senhora poderá desistir desta pesquisa a qualquer momento.

A Sra tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. A Sra. não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa o Sr (a). poderá entrar em contato com o coordenador responsável pelo estudo: **Ana Lúcia Galinkin**, que pode ser localizado no Laboratório de Diversidade e Cultura nas Organizações, UNB, das 8 às 18 ou com **Gustavo Cerchi Soares Ferreira**, no email: **Gustavo.cerchi@gmail.com**. Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

**Acredito ter sido suficientemente informada a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: " Representações Sociais de Violência Entre Mulheres Brasileiras ". Discuti com o pesquisador Gustavo Cerchi Soares Ferreira, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.**

Brasília; \_\_\_/\_\_\_/ 2019

**Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a sua participação neste estudo.**

---

**Gustavo Cerchi Soares Ferreira**

---

**Participante**

### Anexo 3

#### Núcleo central das representações sociais de Violência Sexual contra Mulher

++	Frequência >= 1,5 / Ordem de evocação < 2	
6.11%	estupro	1.25
3.82%	machismo	1.8
3.82%	abuso	1.8
1.53%	agressividade	1

+-	Frequência >= 1,5 / Ordem de evocação >= 2	
3.82%	covardia	2.8
2.29%	violação	2
2.29%	homem	2
2.29%	medo	2.33
2.29%	desrespeito	3
2.29%	violência física	3
2.29%	ignorância	3
2.29%	trauma	3.33
2.29%	drogas	3.67
1.53%	traição	2
1.53%	opressão	2
1.53%	sofrimento	2
1.53%	ciúme	2.5
1.53%	bebida	2.5
1.53%	passada de mão	3
1.53%	ansiedade	3
1.53%	abuso sexual	3
1.53%	desumanização	3
1.53%	cultura	3.5
1.53%	estupro marital	3.5
1.53%	estupro	4
1.53%	família	4.5
1.53%	não consentimento	4.5
1.53%	insegurança	4.5
1.53%	obrigação sexual	4.5
1.53%	forçar	5

++	Frequência < 1,5 / Ordem de evocação < 2		--	Frequência < 1,5 / Ordem de evocação >= 2	
0.76%	comer o cu com farofa	1	0.76%	intimidação	2
0.76%	opressão	1	0.76%	repulsa	2
0.76%	desconsideração	1	0.76%	sobrepujar	2
0.76%	falta de respeito	1	0.76%	assédio	2
0.76%	falta de amor	1	0.76%	propriedade	2
0.76%	nojo	1	0.76%	ameaça	2
0.76%	sozinha	1	0.76%	alcool	2
			0.76%	indiferença	2
			0.76%	pedofilia	2
			0.76%	desestruturação psicológica	2
			0.76%	descaso	2
			0.76%	sentir mal	2
			0.76%	beijo não consentido	2
			0.76%	esquecida	3
			0.76%	raiva	3
			0.76%	abandono	3
			0.76%	não consentimento	3
			0.76%	toques inapropriados	3
			0.76%	encoxar	3
			0.76%	doença	3
			0.76%	dificuldade	3
			0.76%	assédio na rua	3
			0.76%	preconceito	4
			0.76%	dor	4
			0.76%	deboche	4
			0.76%	encurrular	4
			0.76%	rancor	4
			0.76%	vingança	4
			0.76%	falta de confiança	4
			0.76%	vulnerabilidade	4
			0.76%	ilegalidade	4
			0.76%	assedio no trabalho	4
			0.76%	carcere	4
			0.76%	objetificação da mulher	5
			0.76%	desestruturação	5
			0.76%	revolta	5
			0.76%	pornografia	5
			0.76%	estupro coletivo	5
			0.76%	intolerância	5
			0.76%	rejeição	5
			0.76%	gênero	5

### Anexo 4

#### Núcleo central das representações sociais de violência contra a mulher

++	Frequência >= 1,5 / Ordem de evocação < 2		+-	Frequência >= 1,5 / Ordem de evocação >= 2	
1.56%	raiva	1	7.81%	machismo	2.4
1.56%	falta de confiança	1	3.13%	cultura	2.25
1.56%	desrespeito	1.5	3.13%	dor	3
1.56%	agressão	1.5	3.13%	traição	3.5
			2.34%	violência	3
			1.56%	dependência econômica	2.5
			1.56%	submissão	2.5
			1.56%	falta de amor	2.5
			1.56%	falta de caráter	2.5
			1.56%	violência sexual	3
			1.56%	feminicídio	3
			1.56%	alcool	3
			1.56%	dependência	3.5
			1.56%	depressão	3.5
			1.56%	feminicidio	3.5
			1.56%	abandono	3.5
			1.56%	preconceito	3.5
			1.56%	solidão	4
			1.56%	drogas	4.5

→	Frequência < 1,5 / Ordem de evocação < 2		--	Frequência < 1,5 / Ordem de evocação >= 2	
0.78%	subjugação	1	0.78%	falta	2
0.78%	pornografia	1	0.78%	depressão	2
0.78%	diminuição	1	0.78%	discriminação	2
0.78%	desamparo	1	0.78%	desinformação	2
0.78%	assédio	1	0.78%	indignação	2
0.78%	vitimização	1	0.78%	força bruta	2
0.78%	desgaste mental	1	0.78%	bate como menina	2
0.78%	espancamento	1	0.78%	violência doméstica	2
0.78%	opressão	1	0.78%	falta de respeito	2
0.78%	desespero	1	0.78%	ameaça	2
0.78%	desperdício	1	0.78%	patriarcado	2
0.78%	dependência econômica	1	0.78%	afronta	2
0.78%	casamento	1	0.78%	dependência emocional	2
0.78%	homem	1	0.78%	violência doméstica	2
0.78%	agonia	1	0.78%	vida destruída	3
0.78%	ausência	1	0.78%	violação	3
			0.78%	desemprego	3
			0.78%	família machista	3
			0.78%	violência psicológica	3
			0.78%	abuso sexual	3
			0.78%	piadas de loira	3
			0.78%	submissão física	3
			0.78%	dependência	3
			0.78%	prepotência	3
			0.78%	desorganização do estado	3
			0.78%	relacionamentos abusivos	3
			0.78%	homem	3
			0.78%	abusos psicológicos	4
			0.78%	abuso	4
			0.78%	humilhação	4
			0.78%	sofrimento	4
			0.78%	família	4
			0.78%	feminicídio	4
			0.78%	financeiro	4
			0.78%	sacanagem	4
			0.78%	violência patrimonial	4
			0.78%	violação emocional	4
			0.78%	direitos humanos	4
			0.78%	vergonha	5
			0.78%	dependência emocional	5
			0.78%	descaso	5
			0.78%	ineficiência	5
			0.78%	estupro	5
			0.78%	falta de direitos	5
			0.78%	intolerância	5
			0.78%	estupro infantil	5
			0.78%	mentira	5
			0.78%	carcere	5
			0.78%	pressão psicológica	5
			0.78%	impunidade	5
			0.78%	agressão	5

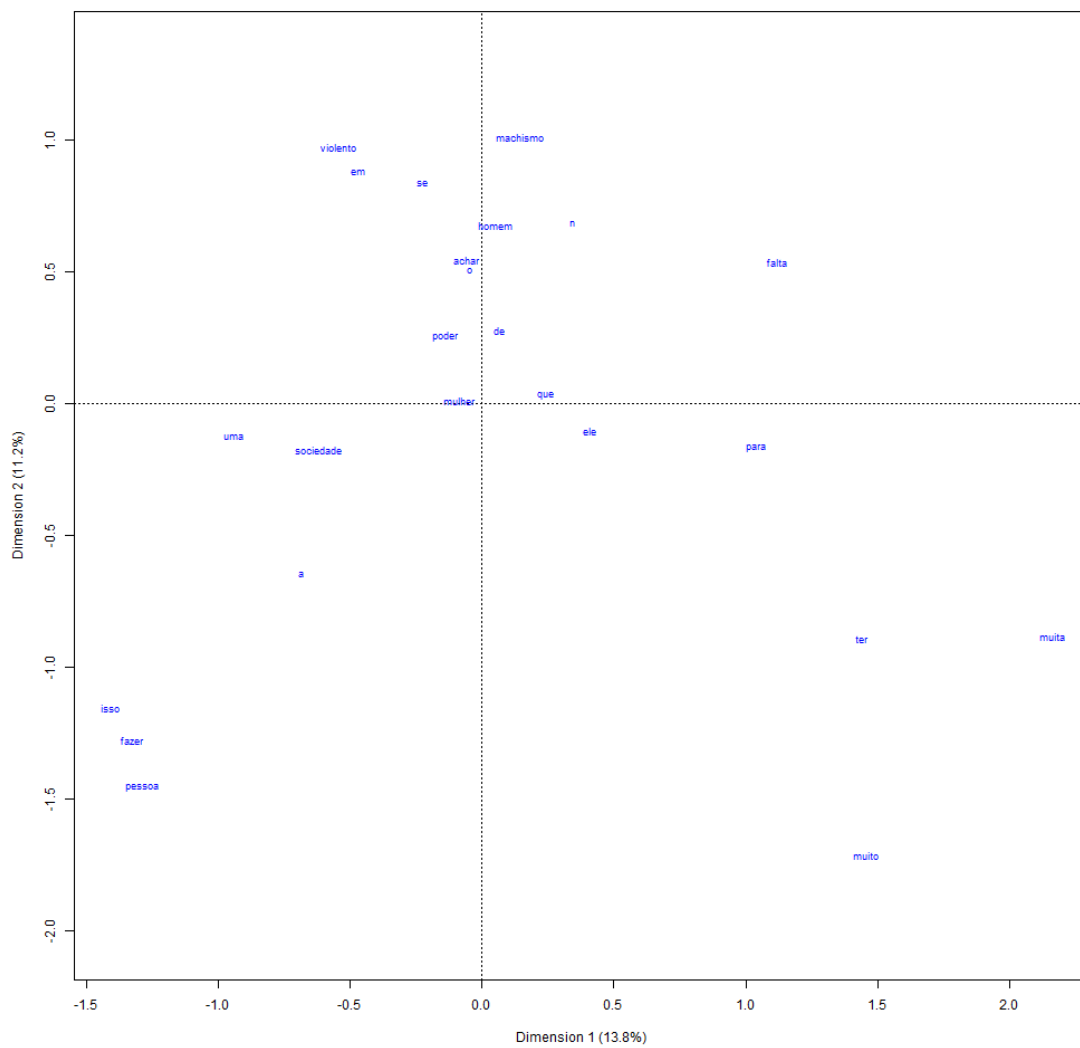
## Anexo 5

### Núcleo central das representações sociais de violência doméstica

++	Frequência >= 1,5 / Ordem de evocação < 2		+ -	Frequência >= 1,5 / Ordem de evocação >= 2	
1.53%	necessidade	1	4.58%	medo	2
1.53%	crianças	1	4.58%	machismo	2.17
1.53%	desrespeito	1.5	3.82%	dependencia	3
1.53%	falta de respeito	1.5	3.05%	filhos	2.5
			2.29%	descaso	2.33
			2.29%	dor	2.33
			2.29%	ignorancia	2.67
			2.29%	alcool	3
			2.29%	abandono	3
			2.29%	agressao	3.67
			1.53%	falta de amor	2
			1.53%	tristeza	3
			1.53%	financeiro	3
			1.53%	desamparo	3
			1.53%	familia	3.5
			1.53%	intolerancia	3.5
			1.53%	falta de consideração	4
			1.53%	submissao	4
			1.53%	vergonha	4
			1.53%	desamor	4.5
			1.53%	cultura	4.5
			1.53%	falta de carater	5

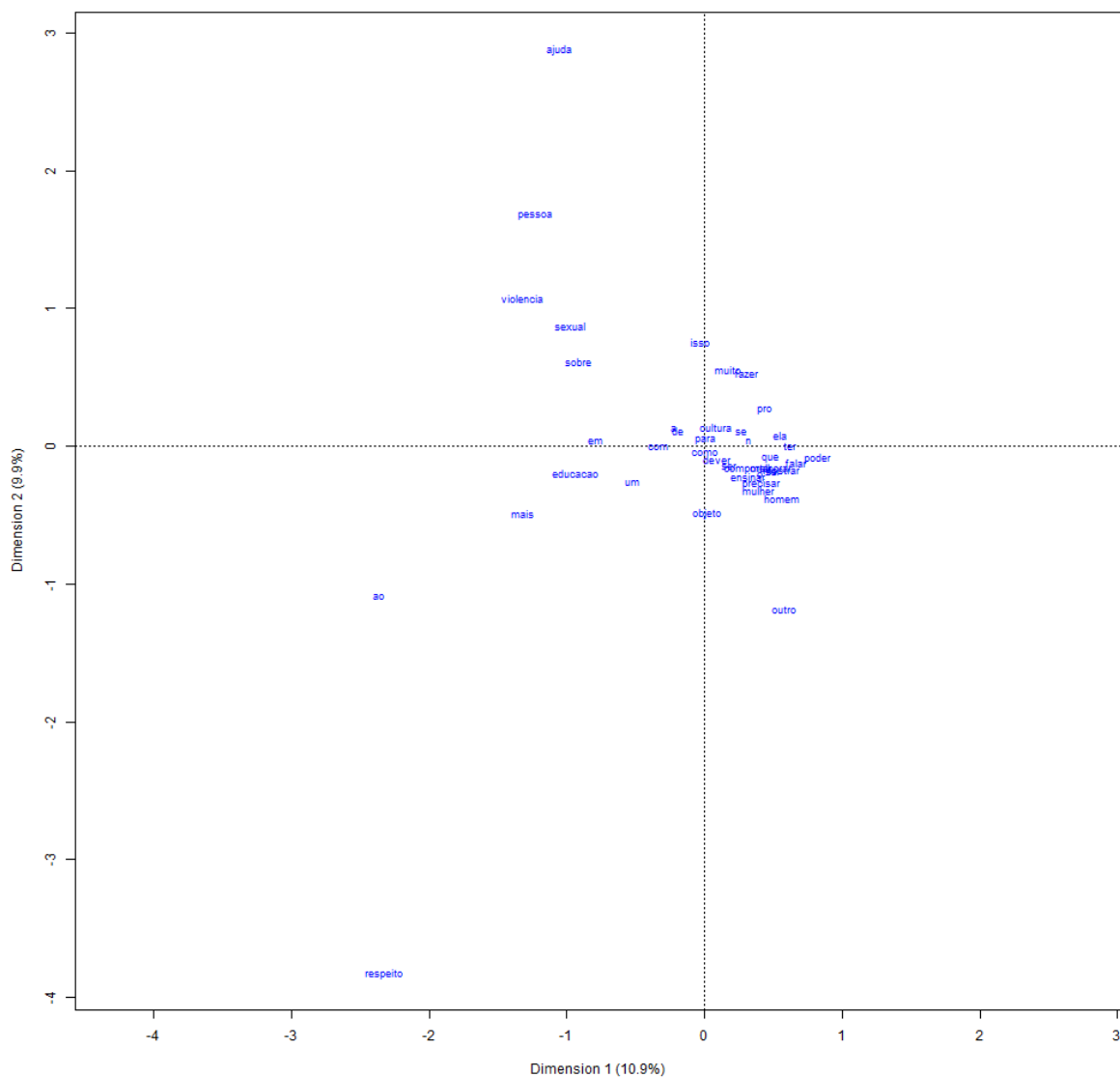
→	Frequência < 1,5 / Ordem de evocação < 2		→	Frequência < 1,5 / Ordem de evocação >= 2	
0.76%	físico	1	0.76%	mulher	2
0.76%	segregação	1	0.76%	necessidades	2
0.76%	marido	1	0.76%	desestrutura familiar	2
0.76%	violência contra filhos	1	0.76%	descumprir promessas	2
0.76%	violência alheia	1	0.76%	violência contra esposa	2
0.76%	falta de religião	1	0.76%	abuso de poder	2
0.76%	dependência econômica	1	0.76%	falta diálogo	2
0.76%	família	1	0.76%	psicológico	2
0.76%	esquecimento	1	0.76%	abandono de filhos	2
0.76%	desemprego	1	0.76%	sexismo	2
0.76%	homem	1	0.76%	falta de assistência	2
0.76%	feminicídio	1	0.76%	dependência emocional	2
			0.76%	patriarcado	2
			0.76%	desconfiança	2
			0.76%	necessidades	3
			0.76%	ausência	3
			0.76%	diminuição	3
			0.76%	emocional	3
			0.76%	depressão	3
			0.76%	sofrimento	3
			0.76%	intolerância	3
			0.76%	violência verbal	3
			0.76%	falta de estudo	3
			0.76%	ódio	3
			0.76%	gravidez	3
			0.76%	opressão	3
			0.76%	insignificância	3
			0.76%	submissão	3
			0.76%	agressão verbal	3
			0.76%	ciúmes	4
			0.76%	pensão	4
			0.76%	dependência financeira	4
			0.76%	falta de trabalho	4
			0.76%	perda do vínculo	4
			0.76%	auxílio	4
			0.76%	dona de casa	4
			0.76%	cobrança com os filhos	4
			0.76%	ameaça	4
			0.76%	violência sexual	4
			0.76%	instabilidade emocional	5
			0.76%	polícia	5
			0.76%	impunidade	5
			0.76%	sentimento de posse	5
			0.76%	vício	5
			0.76%	compreensão	5
			0.76%	preconceito	5
			0.76%	proteção da família	5
			0.76%	violência psicológica	5

## Anexo 6





### Anexo 7



## Anexo 8

